



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Láine Horta Lima

A RODA GIROU O TAMBURÉ E O CANDONGUEIRO ENSINOU: o Turi
Vimba Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora-SP) tecendo linhas de vida.

SOROCABA

2020

Laíne Horta Lima

A RODA GIROU O TAMBURÉ E O CANDONGUEIRO ENSINOU: o Turi
Vimba quilombo Cafundó (Salto de Pirapora-SP) tecendo linhas de vida.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação *campus* Sorocaba para obtenção do título
de Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação,
Comunidades e Movimentos Sociais

Orientação: Profa. Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira

Coorientação: Prof. Dr. Aldo Ambrózio.

Financiamento: CAPES bolsa Demanda Social.

SOROCABA

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Laíne Horta Lima, realizada em 27/02/2020:

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça
UFSCar

Profa. Dra. Dulcineia de Fatima Ferreira
UFSCar

Prof. Dr. Aldo Ambrózio
PUC-SP

Profa. Dra. Rosana Batista Monteiro
UFSCar

Prof. Dr. Romualdo Dias
UNESP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Dulcineia de Fatima Ferreira, Romualdo Dias e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

LIMA, Láine Horta

A Roda Girou o Tambu Repicou e o Candongueiro
Ensinou : o Turi Vimba Quilombo Cafundó (Salto de
Pirapora - SP) tecendo linhas de vida. / Láine Horta
LIMA -- 2020.
120f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Dulcinéia de Fátima Ferreira
Banca Examinadora: Rosana Batista Monteiro, Viviane
Melo de Mendonça, Romualdo Dias, Dulcinéia de Fátima
Ferreira, Aldo Ambrósio
Bibliografia

1. Quilombo Cafundó . 2. Jongo . 3. Educação e Relações
Étnico-raciais . I. LIMA, Láine Horta. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a cada quilombola do Quilombo Cafundó, lugar de profundos aprendizados, em especial, aos que tive a honra e o prazer em apreender e conviver todos esses anos.

À Iara Horta Menezes adorável filha, que acompanhou cada passo de criação da pesquisa. Cresceu em meio aos trabalhos de campo no Quilombo, reuniões, aulas, textos e mais textos, tão amável companheira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES sem a bolsa Demanda Social (CAPES) a realização desta pesquisa não seria possível.

Agradeço a professora orientadora Dulcinéa de Fátima Ferreira pelo acolhimento nos dois anos de realização desta pesquisa, por seu trabalho intelectual de orientação, sugestões e considerações.

Agradeço ao professor coorientador Aldo Ambrózio, por seu acompanhamento e leituras minuciosas enriquecendo as linhas que aqui seguem.

Agradeço por gentilmente compartilhar seu saber comigo, por confiar e abrir por muitas vezes a porta de sua casa, passar o café com cheiro gostoso e sabor de carinho, afeto e muitas brincadeiras com as crianças que sempre nos rodeiam. Agradeço a vocês, família encantadora, Cíntia, Júnior, Gabriela, Clarinha e Gabi.

Agradeço aos mais velhos e sabedores da vida, do viver em quilombo Cafundó e resistir a tantas formas de violência. Seu Marcos e Seu Jovenil. Cada palavra, inclusive as não compreendidas em Cupópia, mas principalmente por cada olhar e receptividade em sua varanda que passamos tardes e noites proseando sobre a pesquisa e sobre a vida.

Agradeço a umas das mulheres mais incríveis que tive a honra de conhecer, dona Regina, sua história é inspiradora, ainda mais quando ouvida através de muitas gargalhadas subversoras da crueldade humana, que você ensinou que o princípio de qualquer luta é o amor-próprio, que ninguém nos tire o amor que construímos por nós mesmas e que a partir daí conseguimos amar o outro, o mundo e as causas que muitos dirão estar “perdidas”.

Agradeço a minha companheira de luta e de vida Luciana Leme, “ah se soubesse o quanto te amo” e você sabe que o amor que falamos está muito além do amor romântico que pressupõe relacionamento. Está no amor em exercitar o pensamento, no amor em criar, no amor em viver buscando a Liberdade que sabemos hoje ser possível com o autoconhecimento. Sem você parte disso não teria graça.

Deslocar-se é preciso, sair da zona de conforto mas também o descolamento geográfico entre Sorocaba e Salto de Pirapora, Andreia chegou para humildemente nos dar carona até o

quilombo, e por fim, tornamo-nos um grupo de mulheres cuja segunda casa está no Cafundó.

Obrigada por abrir caminhos!

Agradeço imensamente a mulher que me gerou em seu ventre e que me criou e continua criando, minha formosa mãe. Obrigada por dizer, às vezes bem enfática, que não dava para desistir, viver nas nossas condições é difícil, mas que eu conseguiria, que não estava sozinha. Obrigada pelo dito com palavras e pelo dito com carinhos e olhares. Obrigada, sobretudo, pelas vezes que assumiu o cuidado integral da Iara para que eu conseguisse ter “tempo” para escrever, para fazer o trabalho de campo. Obrigada pela mãe incrível que és e pela avó parceira que é pra Iara.

Obrigada filha por estar comigo nessa loucura de viver eu e você. Obrigada pela compreensão das vezes que levei você para ficar na casa da vovó, das vezes que enquanto brincava de escrever a mamãe ia tecendo essas linhas. Isso tudo é também para você. Mostrar o mundo e que existem várias formas de vivê-lo é o que eu luto e busco pra você “índia de mel, rainha dos rios que correm em mim” Iara.

Meninas mulheres do Cafundó, que em pouco tempo nos tornamos tão próximas para compartilhar as dores de uma vida massacrada pelo racismo, machismo, falta de oportunidade de estudo e de emprego. Lucimari, Aninha nossas primeiras “alunas” que ensinam todo sábado tanta beleza a mim e a Luciana, Adriele e Lucileine a vida é bela sim, principalmente quando estamos juntas nos cuidando e fortalecendo. Obrigada por confiar e obrigada principalmente por nos ensinar a viver.

Agradeço ao ETNS, embora nossos encontros, olho no olho, tenham sido poucos ao longo desses dois anos de mestrado, totalmente compreensível, já que, estamos conquistando o nosso mundo, vocês com suas experiências têm mostrado que é possível e urgente uma outra maneira de fazer e pensar a pesquisa acadêmica. Obrigada principalmente a você professora Rosana Monteiro um dia, ainda na graduação você falou que eu poderia estar no lugar que eu quisesse mas que não queria ver “sua preta” fazendo café. Sou eu que geralmente faço o café das reuniões mas faço também os artigos, as pesquisas, os projetos, faço mestrado e faço o que muitos desacreditaram que eu faria. Obrigada querida mestra!

À Professora Dra. Maria Walburga dos Santos, querida Wal, que com muita beleza me ensinou e continua ensinando tanto sobre nossa profissão e atuação.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Educação, Comunidades e Movimentos Sociais (GECONS) sob a coordenação da professora Dra. Dulcinéia de Fátima Ferreira pelos momentos de estudos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd Sorocaba, e em especial a linha dois de pesquisa “Educação, Comunidade e Movimentos Sociais” ao qual estive vinculada por dois anos, compartilhando e produzindo conhecimento com todos que se fizeram presente.

Agradeço as professoras Viviane Mendonça e Vanda Machado, por suas leituras e considerações na qualificação, providencial para a construção criativa desta pesquisa.

Obrigada por humildemente trocar saberes e experiências.

“Pra crescer e ter sombra a árvore precisa vingar” na janela azul Turquesa da mente fizemos vingar ideias, sonhos, afeto e companheirismo. Obrigada Emerson Sette por tanta leveza carregada de esbelteza, por horas incontáveis de conversas sobre a conjuntura da vida, da pesquisa, dos medos e anseios. Obrigada Caro Filósofo Poeta!

Agradeço por fim aos ancestrais, energia vital. A benção mãe! A benção pai! A benção e a proteção pra continuar!

Asè o!

SONHO

*Seu nome era dor
Seu sorriso
dilaceração
Seus braços e pernas, asas
Seu sexo seu escudo
Sua mente libertação
Nada satisfaz seu impulso
De mergulhar em prazer
Contra todas as correntes
Em uma só correnteza
Quem faz rolar quem tu és?
Mulher!...
Solitária e sólida
Envolvente e desafiante
Quem te impede de gritar
Do fundo de sua garganta
Único brado que alcança
Que te delimita
Mulher!
Marca de mito embotável
Mistério que a tudo anuncia
E que se expõe dia-a-dia
Quando deverias estar resguardada
Seu ritus de alegria
Seus véus entrecruzados de velharias
Da inóspita tradição irradias
Mulher!
Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher.*

Beatriz Nascimento

LIMA, Laíne Horta. A Roda Girou o Tambu Repicou e o Candongueiro Ensinou: o Turi Vimba Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora SP) tecendo linhas de vida. Dissertação (Programa de Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 120f, 2020.

RESUMO

O presente estudo tem como proposta refletir sobre questões acerca das narrativas, saberes e resistências dos quilombolas do Cafundó (Salto de Pirapora - SP) que mostram, com potência, outras formas de viver o mundo, criando possibilidades por meio dos processos criativo vivido e reafirmado pelos jovens quilombolas, ressignificando a prática da roda do Jongo em seu território. Jovens quilombolas Jongueiras e Jongeiros que resgatam a língua Cupópia existente no quilombo produzindo narrativas contra-hegemônicas. As narrativas ostentadas pelo colonialismo propagam a falsa ideia de subalterno quando referente ao povo negro, silencia violentamente séculos de produção de conhecimento significativamente elaborados pela população negra africana e em diáspora. Ao evidenciar as narrativas dos quilombolas do Cafundó na relação com a ressignificação do Jongo em seu território, confronta com o saber hegemônico do colonialismo ao passo que nos possibilita compreender as artimanhas poeticamente elaboradas pelos quilombolas do Cafundó ao resistirem e ao recontar sua própria história. O estudo é baseado na oralidade e é influenciado pelos estudos da História Oral (PORTELLI, 2010) e na Tradição Oral (HAMPATÊ, 1982).

Palavra chave: Cafundó; Jongo; Quilombo; Educação das Relações Étnico Raciais.

ABSTRACT

This study aims to reflect on questions about the narratives, knowledge and resistance of the quilombolas of Cafundó (Salto de Pirapora - SP) that show, with power, other ways of living the world, creating possibilities through the creative process experienced and reaffirmed by young quilombolas, giving a new meaning to the Jongo wheel, rescuing the Cuppia language existing in the quilombo and thus producing counter-hegemonic narratives. The narratives produced by colonialism propagate the false idea of subordinate when referring to the black people. Violently silences centuries of knowledge production significantly elaborated by the black African and diaspora population. By highlighting the narratives of the Cafundó quilombolas in relation to the resignification of Jongo in their territory, it confronts the hegemonic knowledge of colonialism while allowing us to understand the tricks poetically elaborated by the quilombolas of Cafundó when resisting and retelling their own history. The study is based on orality and is influenced by the studies of Oral History (PORTELLI, 2010) and Oral Tradition (HAMPATÊ, 1982).

Key word: Cafundó; Jongo; Quilombo; Education of Ethnic Racial Relations

LISTA DE TABELA

Tabela 1 Tabela produzida com os resultados da pesquisa sobre quilombo Cafundó	58
Tabela 2 Tabela produzida a partir do resultado da pesquisa sobre Jongo.....	62
Tabela 3 Tabela com resumo da pesquisa identificada	62
Tabela 4 Tabela com resumo da pesquisa identificada	64
Tabela 5 Tabela com resumo da pesquisa identificada	65

LISTA DE FOTOS

Figura 1 Pés descalços sentindo a terra. Acervo pessoal. 2014.....	20
Figura 2 Lucileine Aguiar. Acervo pessoal. 2019	21
Figura 3 Lucimari Aguiar. Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019	21
Figura 4 Luciana Leme, Marcos (ao centro da foto) Juvenil (lado direito) Acervo Pessoal. 2019	22
Figura 5 Regina Aparecida no quilombo Cafundó. Acervo Pessoal. 2019	22
Figura 6 Cíntia amamentando Gabriel na Janela. Acervo Pessoal. 2019	23
Figura 7 Fernanda Argelin. Roda de Jongo Turi Vimba no SESC Sorocaba. Acervo Pessoal. 2019	23
Figura 8 Antônio Júnior. Quilombo Cafundó. Acervo Pessoal. 2019.....	24
Figura 9 Roda de Jongo Cafundó. Acervo Pessoal	28
Figura 10 Roda de Jongo Cafundó. Acervo Pessoal	28
Figura 11 Matinta Pereira UFSCar Sorocaba. Acervo Pessoal	31
Figura 12 Entrada do barracão de Asè.....	36
Figura 13 Portal do Não Retorno Benin.	38
Figura 14 Roda contação Itan. Acervo pessoal. 2015	42
Figura 15 Primeiro dia de aula no Cafundó. Acervo pessoal. 2019	49
Figura 16 Aula geopolítica. Acervo pessoal. 2019.....	50
Figura 17 Roda de mulheres quilombo Cafundó. Acervo pessoal 2019	51
Figura 18 Entardecer no Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2020	52
Figura 19 Adinkras. Foto tirada do Google pesquisa.	53
Figura 20 Chegada no quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019	67
Figura 21 Capela de portas pra comunidade. Acervo pessoal. 2020.....	68
Figura 22 Turi Vimba, Acervo pessoal. 2019	71
Figura 23 Associação Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019	71
Figura 24 Armação das barracas para festa da Santa Cruz. Acervo pessoal. 2019.....	72
Figura 25 Atrás das barracas. Cervo pessoal 2019	73
Figura 26 Fundo das barracas. Acervo pessoal 2019	73
Figura 27 Barracão computadores. Acervo pessoal. 2019	74
Figura 28 Construção de casa de barro. Acervo pessoal. 2019	75
Figura 29 Caminhos da plantação. Acervo pessoal. 2019.....	76
Figura 30 Caminhos da plantação 2. Acervo pessoal. 2019.....	76

Figura 31 Plantação de alface. Acervo pessoal. 2019	77
Figura 32 Estufas. Acervo pessoal. 2019	78
Figura 33 Divisão geopolítica do Brasil e quantidade de quilombos. Produção própria. Informações disponível na Fundação Palmares	81
Figura 34 Mastro da Santa Cruz 2018. Acervo quilombo Cafundó	84
Figura 35 Mastro sendo carregado pelos homens na Festa de Santa Cruz de 2018. Acervo Pessoal	85
Figura 36 Do alto o novo mastro abençoando e protegendo o Cafundó. Acervo pessoal.	85
Figura 37 Cíntia, Gabriela e os tambores na Festa da Santa Cruz. Acervo pessoal. 2018	86
Figura 38 Dentro da Capela os santos e orixás. Acervo pessoal	87
Figura 39 Juvenil e Dona Regina na volta da procissão, 2018. Acervo pessoal.	88
Figura 40 A luz que ilumina, 2018. Acervo pessoal	88
Figura 41 Corpos dançantes. Acervo pessoal 2015.....	92
Figura 42 Roda de Jongo Turi Vimba realizado no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019.....	93
Figura 43 Cintia e Lourdes na roda de Jongo Turi Vimba realizada no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019.....	93
Figura 44 Saudação aos tambores. Roda de Jongo Turi Vimba no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019.....	94
Figura 45 Tambores no quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019.....	95
Figura 46 Tambor ao fundo da capela Cafundó. Acervo pessoal. 2019.....	95
Figura 47 Cíntia e o Tambu. Acervo quilombo Cafundó. 2017	96
Figura 48 Judith Luacute em encontro com Marcos no quilombo Cafundó. Foto de Aristóteles Kandimba. 2015	102
Figura 49 "Que Deus dê a proteção pra Jongueiro novo, pro Jongo não se acabar". Acervo pessoal.	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIEPE – Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior

CCDRU - Contrato de Concessão de Direito Real de Uso

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

CNE – Conselho Nacional de Educação

DCNERER – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ERER's – Ensino das Relações Étnico-raciais

ETNS – Grupo de Pesquisa em Educação, Territórios Negros e Saúde

GECOMS – Grupo de Pesquisa Educação Comunidade e Movimentos Sociais

IES – Instituição de Ensino Superior

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN -Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MNU – Movimento Negro Unificado

NEAB- Núcleo de Estudos Afro-brasileiro

PUC – Pontifícia Universidade Católica

REUNI – Reestruturação e Expansão da Universidades Federais

RTID – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

SEPIR – Secretaria de Promoção da Igualdade Racial

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual de São Paulo

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNISO – Universidade de Sorocaba

USP – Universidade de São Paulo

TEN – Teatro Experimental do Negro

SUMÁRIO

ABRINDO A TRIBUNA	19
1. O VENTRE QUE ME PARIU: Sobre o início continuum	25
1.1. O Matinta Perera o reencontro com a Cultura Popular e o complexo da cultura	27
1.2. O Curso de Relações Raciais e Educação e a educação do conflito	32
1.3. O pisar em terras sagradas e espaços de ressocialização negra	36
1.4. A chegada no Mestrado em Educação e os percalços de uma pesquisa	43
2. CAMINHO METODOLÓGICO: lapidação das palavras e pensamentos... ..	45
2.1 A pesquisa e a Pesquisadora engajada e seus desdobramentos reais	48
2.2 Aproximações teóricas História Oral, Tradição Oral e Oralidade	52
2.3. Revisitando os mestres anciãos e proseando com os mais novos: passos do levantamento bibliográfico	56
3. QUILOMBO CAFUNDÓ E AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	66
3.1 A festa da Santa Cruz e sua potência de vida	84
3.2. O Turi Vimba e a requalificação do jongo no quilombo Cafundó	89
3.2.1 O corpo Jongueiro	91
3.2.2 A Roda.....	92
3.2.3 O Tambu.....	94
3.2.4 O Canto	96
3.2.4 Da existência e ressignificação do Jongo no Cafundó	99
CONSIDERAÇÕES	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109
FILMES, MÚSICAS	112
ANEXO I.....	113
ANEXO II.....	116

"Vou aprender a ler para ensinar meu camaradas"

ABRINDO A TRIBUNA

“ Tava dormindo tambor me chamou, acorda negro cativo acabou ”

*Vou contar uma história. A minha história que se entrelaça com a história do meu povo,
faço o convite pra entrar nessa dança de encantos e encantamentos...*

A presente pesquisa se desenvolve com o financiamento da CAPES, e por isso, assume o compromisso de produção de conhecimento a serviço da comunidade.

Antes de iniciar o primeiro capítulo, faremos como aprendi vivendo os diversos espaços de manifestações de origem africana, sempre ao iniciar um festejo, seja ele profano ou sagrado, o primeiro passo é pedir licença. Pedir licença aos que vieram antes, aos nossos ancestrais, os orixás, encantados e ancestrais familiares. Como uma prece, agradecimento, reconhecimento e respeito por quem pisou por essas terras antes de nós. No Candomblé iniciamos pedindo licença a Exu, o orixá que dentre diversas outras funções, é encarregado por facilitar a comunicação entre Aye (terreno) e Orum (espiritual). Saudamos então pedindo licença para chegar devagarinho, pedindo a benção e a proteção para caminhar e que o caminho percorrido seja proveitoso.

Agô Agô Lonan!

Motumbá!

Laroiê Exú

Saravá Jongueiro Velho

Que veio pra ensinar

Que Deus dê a proteção para jongueiro novo

Pro Jongo não se acabar

(Ponto Tradicional de Jongo)



Figura 1 Pés sentindo a terra. Acervo pessoal.

Demanda cumprida, saudamos os mais velhos e os mais novos, peço então a licença para prosseguir.

A feitura de uma pesquisa que resulta na dissertação de mestrado é um trabalho árduo de muitas mãos, a mão da pesquisadora mas não somente, com ela caminham juntas diversas outras mãos, diversas outras histórias, concepções, realidades, emoções. É como contar uma história, mas aqui respeitando as limitações do ambiente acadêmico ao qual este trabalho está vinculado. Gostaríamos de iniciar trazendo a imagem de cada um (a) que no Quilombo Cafundó abriu caminho para o aprendizado e para a construção da pesquisa, seja compartilhando humildemente seu saber ou um olhar e uma palavra de afeto.

Daremos seguida, após apresentar rapidamente essas personagens do Cafundó, contando uma história, a minha história que se entrelaça na história da pesquisa.



Figura 2 Lucileine Aguiar. Acervo pessoal. 2019

Lucilene Aguiar nascida e criada no quilombo Cafundó. Filha da Dona Cida, falecida benzedeira, hoje faz bordado em roupas que são vendidas no quilombo Cafundó, assim como aprendeu com sua mãe.



Figura 3 Lucimari Aguiar. Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019

Lucimari, jovem agricultora. Nascida e Criada no quilombo Cafundó, junto de sua família produzem a maior parte dos alimentos orgânicos vendidos pelo quilombo Cafundó.



Figura 4 Luciana Leme, Marcos (ao centro da foto) Jovenil (lado direito) Acervo Pessoal. 2019

Luciana Leme no canto esquerdo da foto, companheira dos momentos de “estudo”¹ que passamos a realizar no Cafundó, ao seu lado se encontra seu Marcos e seu irmão Jovenil lideranças do Cafundó, coordena a Associação dos Moradores do Quilombo Cafundó, herda a luta e a garra pelo direito de viver como fez sua Avó dona Ifigênia e seu pai Otávio Caetano.²



Figura 5 Regina Aparecida no quilombo Cafundó. Acervo Pessoal. 2019

Regina Aparecida ou como chamamos Dona Regina, grande liderança no Cafundó, foi coordenadora da Associação dos Moradores do quilombo Cafundó. Embora não seja nascida

1 Veremos no capítulo 2 sobre a experiência de desenvolver aulas para moradoras do quilombo Cafundó.

2 Liderança do quilombo Cafundó. Responsável por iniciar a luta jurídica pelo direito a terra.

no quilombo, fez da sua luta de vida a luta pela conquista das terras do Cafundó. Reconhecida nacionalmente por sua luta e resistência na busca por garantia de direitos do Cafundó.



Figura 6 Cíntia amamentando Gabriel na Janela. Acervo Pessoal. 2019

Cíntia coordenadora do Turi Vimba criada no quilombo Cafundó, a figura mais importante nesta pesquisa. Foi em dialogo com ela, ouvindo suas histórias de como foi conseguindo organizar parte da juventude do Cafundó pra dançar, tocar, cantar o Jongo que possibilitou ver a manifestação afrobrasileira no Cafundó como ferramenta de resistência.



Figura 7 Fernanda Argelin. Roda de Jongo Turi Vimba no SESC Sorocaba. Acervo Pessoal. 2019

Fernanda nascida e criada no quilombo Cafundó, mora com sua mãe e seu filho na primeira casa que é construída na chegada ao quilombo. Jovem Jongueira de voz potente, é quem com alegria responde o coro de Jongo animando e fortalecendo o grupo Turi Vimba.



Figura 8 Antônio Júnior. Quilombo Cafundó. Acervo Pessoal. 2019

Antônio Júnior., nascido e criado no quilombo Cafundó. Companheiro da Cíntia, pai das incríveis Gabriela, Clarinha e Gabriel. Coordena ao lado de Cíntia o grupo Turi Vimba com a mesma vontade e garra que toca o Tambu e Jonga no meio da roda. Aprendeu a tocar com Juvenil, ainda criança, ouvindo o tambú repicar no terreiro, a saia rodas, e os mais velhos a Cupopiar.

1. O VENTRE QUE ME PARIU: Sobre o início continuum

Venho do ventre de uma mulher negra, filha mais nova do “casamento” entre uma mulher negra lavadeira e um homem branco de origem italiana, típica união de miscigenação, lá pelas bandas de Passos, Minas Gerais. Uma mulher que como muitas outras, teve o mesmo destino: o de se casar para ser “respeitada”. Desde muito pequena aprendeu no suor o quanto custa um prato cheio na mesa e, diferente do seu destino que insistia em fazê-la acreditar estar fadada, ela tecia dia após dia uma história diferente para mim e minha irmã, onde existiam estudos, conhecimentos e reconhecimentos. Cresci ouvindo, pela boca cansada depois de horas sentada numa máquina de costura, dizer por vezes com raiva misturado com esperança, que o estudo era a única forma de não “terminamos como ela” tendo que trabalhar cansativamente para, mesmo assim, no final do mês, não sobrar nenhum vintém. Terminar como ela, era a frase que mais ouvíamos quando expressava o seu desejo por um futuro melhor. Hoje, como mãe, sinto que o desejo de um futuro melhor para nossos filhos flutua como uma pena pesando chumbo constantemente, o desejo e as incertezas, o errar e o acertar, sobretudo quando se trata de família, que carrega o fardo de uma história de opressão.

Mal sabe minha mãe que o “terminar como ela” é referência, terminar como uma mulher íntegra, que em meio a tantas dificuldades, suportou e criou formas de superar, sem nunca jamais negar, aos seus três filhos, afeto, respeito e segurança.

No Ensino Médio me formei num curso técnico de Nutrição pelo Centro Paula Souza, me enganei pensando que aquela era a linha de chegada, e ao ter conhecimento do cursinho pré-vestibular fiz a matrícula, iniciei as aulas e foi assim que tive a dimensão do que poderia ser o ensino superior público, e que sim, a Universidade Pública deveria ser almejada por mim e por irmãs e irmãos pobres. Assim cheguei na Universidade pública, discente do curso de Pedagogia. Foi, sem dúvida, um grande choque de realidade, ocupar um espaço, nitidamente branco, carregando pouca intimidade acadêmica.

O que significa a entrada das camadas populares no ensino superior? E porque estou trazendo esta vivência para a construção deste texto? Trago comigo a representatividade da vitória, não apenas por ser a primeira da família a ingressar no ensino superior, como também por carregar comigo o poder de ensino que não puderam compartilhar. Narrativas recorrentes, num espaço historicamente negado a tais camadas. Diante desta problemática, é possível levantar a pergunta: quantas vezes mais esse “primeiro da família” poderá ingressar no ensino superior diante do contexto de desmonte do ensino público, com programas que não incentivam a pesquisa, o ingresso e a permanência das camadas populares? Neste sentido,

falamos, com isso, de ideias que têm sido constantemente propagadas por porta voz do atual governo, que tem violentamente negado a importância da produção científica para o desenvolvimento humano da sociedade. Todas essas questões extrapolam a escrita de um memorial mas que são fundamentais de serem questionadas, pois atravessam também esta pesquisa.

Neste contexto se faz importante destacar que ingressei na Universidade Federal de São Carlos, no recém-*campus* de Sorocaba, criado no contexto de política de expansão de democratização do Ensino Superior no país (REUNI), política esta integrante do Ministério da Educação que, na época, tinha como ministro o professor Fernando Haddad no governo do então presidente Luis Inácio da Silva Lula (2003-2010). Aquela política foi parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o REUNI³. Lugar onde me graduei e hoje sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, nível Mestrado. Lugar também de encontros e reencontros, que fizeram e continuam fazendo parte do que sou, nesse incansável devir humano e no tornar-se pesquisadora. Desses encontros eu destaco quatro momentos diferentes que conversam e constituem tanto o tema desta pesquisa quanto as delimitações do modo como venho me constituindo no mundo.

Vento ventou sopro de Felicidade
Senhora Iansã deu giro da Liberdade
Se eu fosse só jongueira
Eu jongava todo dia
Mas sou filha de Santo e canto ponto pros meus guias
(Ponto de Jongo)

3 Para saber mais sobre a política de expansão e democratização do ensino superior e sua importância para Sorocaba e região recomendamos o trabalho da Elenita Ferreira Meira Camargo “**Democratizando o acesso à educação superior**: o caso da UFSCAR – *campus* Sorocaba.” Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação. UNISO, Sorocaba, 2011

1.1. O Matinta Perera o reencontro com a Cultura Popular e o complexo da cultura

No ano de 2011, recém-ingressada no curso de Pedagogia da UFSCAR, comecei fazer parte do grupo de cultura popular Matinta Perera, na época estudávamos somente a manifestação afro pernambucana Maracatu de Baque virado, anos depois o grupo expandiu o universo de pesquisa, passando também a conhecer e vivenciar outras manifestações afro-brasileiras, como o Bumba meu Boi do Maranhão, o Coco de roda de Pernambuco, o Batuque de Umbigada do Sudeste, o Congo do Espírito Santo e o Jongo também do Sudeste.

O Matinta Perera foi um coletivo criado por estudantes da UFSCar em 2009 frequentado não somente por estudantes, mas aberto a todas e todos que quisessem fazer parte. Os primeiros instrumentos foram comprados com o dinheiro doado pelos primeiros integrantes do grupo, ao longo dos anos, com as oficinas que realizávamos em espaços educacionais revertíamos o cachê em materiais para que pudéssemos fazer as manutenções necessárias e a construção de novos instrumentos.

Neste período como batuqueira do Matinta Pereira, aprendi preciosas lições sobre a complexa dimensão das manifestações culturais africana e afro-brasileiras. Aprendi sobre os cuidados e o respeito no processo de pesquisa com comunidades tradicionais, chegar de mansinho, aprender junto, no diálogo, na vivência e no compartilhar das experiências. Criamos boas relações nos espaços de pesquisa, sobretudo, no quilombo Cafundó, situado em Salto de Pirapora/ SP, lugar que cheguei, pela primeira vez, por meio do processo da pesquisa com o Jongo.



Figura 9 Roda de Jongo Cafundó. Acervo Pessoal



Figura 10 Roda de Jongo Cafundó. Acervo Pessoal

*Ô mãe África vem lembrar seu cativoiro
 Como chora meu Tambú
 Como chora Candongueiro
 De tanto soluçar, soluçar, soluçar vai molhar o meu terreiro.
 (Ponto de Jongo)*

Das andanças em busca de vivências com as mestras e mestres da cultura popular, de literaturas que auxiliassem na compreensão da rica dimensão das manifestações afro culturais e religiosas, fazer parte do Matinta Perera foi para mim, momento ímpar de reflexão sobre as questões raciais e as questões da negritude, isso, não apenas na dimensão cultural, mas, sobretudo, na compreensão da trajetória do povo negro e os nossos processos de resistência ontem e hoje. Foi também neste momento, como batuqueira e navegante⁴ na cultura popular, mas também, aluna do segundo ano da graduação em Pedagogia, que no contato inicial com autores e suas propostas para educação e cultura, educação popular, dentre eles Carlos Brandão (2016), Paulo Freire (1980) Veiga Neto (2003) pude partir para a sistematização das relações potentes entre o experienciado nas rodas das manifestações popular de origem afro-brasileira e os processos educativos. Talvez esteja aqui o primeiro importante momento dentro da Universidade de diálogo entre teoria e prática, entre educação escolar e não escolar.

Paulo Freire ao dizer que homens e mulheres ativas, comprometidas transformam a natureza e a si mesmos, dando sentido às coisas do mundo, e por isso mesmo, tornando o mundo mais “humano”, as ações políticas e educacionais precisam sair da própria raiz da cultura popular, seja na arte, nos saberes, nos costumes e em diferentes tradições populares (BRANDÃO 2016).

É fato também que por meio desta experiência, surgiu a necessidade de se compreender o próprio conceito “cultura” e sobre o que chamamos de “cultura popular”. Entender a etimologia das palavras pode ser o primeiro contato com a descoberta do seu princípio de ser.

Paulo Freire (1980 p.38) diz que cultura “é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com os outros homens” Acrescenta ainda que “a cultura é também aquisição crítica e criadora e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência e ou na memória e são ‘incorporadas’ no ser total e na vida plena do homem” (FREIRE, 1980, p. 38). Desta forma temos cultura como forma de engajamento e tomada de direção da própria vida.

No contexto social do neoliberalismo a cultura é também meio de manutenção do poder, possível ferramenta para alienação. A cultura em massa criada com a intenção de homogeneizar, precisa ser paulatinamente diferenciada do que estamos chamando de cultura e sobretudo do que estamos chamando de cultura popular. Fávero (1983 p.23) afirma que “[..] é popular a cultura que leva o homem e mulher a assumir a sua posição de sujeito da própria

4 Como alguém que navega, de corpo e alma no oceano, navega por águas desconhecidas, com o brilho nos olhos ao olhar e imaginar o horizonte.

criação cultural de operário do processo histórico em que se acha inserido” ou seja, situa o sujeito pertencente à cultura popular como criadores não como receptores.

Quanto ao que chamamos de cultura afro-brasileira Siqueira diz que “A marca cultural das civilizações africanas constitui forte presença no âmbito da Cultura Nacional Brasileira, expressa em diferentes setores da vida do País, sob a denominação de cultura afro-brasileira” (SIQUEIRA, 1998 p. 34). Essas chamadas “marcas culturais das civilizações africanas” Muniz Sodré (1988) nomeia de Arkè, caracterizando como sendo as culturas que se fundam na experiência e reconhecimento da ancestralidade. O culto à Origem não representa unicamente a marcação histórica do início da civilização mas como “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo. A arkhé está no passado e no futuro, é tanto origem como destino” (SODRÉ, 1988, p.153).

Para a população negra, vítima do escravagismo que cruelmente levou ao processo de desterritorialização forçosa, recriar e preservar a linha de transmissão para a preservação cultural foi essencial

Pois arte negra é precisamente a prática da libertação negra – reflexão e ação/ ação e reflexão – em todos os níveis e instantes da existência humana. [...] A arte dos povos negros na diáspora objetifica o mundo que os rodeia, fornecendo-lhes uma imagem crítica desse mundo. E assim a arte preenche uma necessidade de total relevância: a de criticamente historicizar as estruturas de dominação, violência e opressão, características da civilização ocidental capitalista. Nossa arte negra é aquela comprometida na luta pela humanização da existência humana, pois assumimos com Paulo Freire ser esta “a grande tarefa humanística e histórica do oprimido – libertar a si mesmo e aos opressores. (NASCIMENTO, 1978, p.180)

A cultura Negra sofre com a insistente desvalorização e esvaziamento do seu potencial criativo e de resistência. No Brasil passou então a ser estudada sob o viés do folclore, quanto a isso Abdias do Nascimento aponta para a continuação do pensamento ideológico colonizador desta vez observada no campo da cultura afro-brasileira:

Daí em diante instituições etnográficas proliferaram; os modelos mais destacados foram os museus de Berlim, Roma, Londres, Dresden, Paris, Leipzig – todos agentes de estudos africanos a serviço do colonialismo e suas teorias racistas. Essas instituições se mancomunaram aos cientistas, teóricos de toda espécie, e scholars na manipulação cabalística de teoremas baseados no suposto exotismo e pitoresquismo dos povos selvagens, primitivos, e inferiores que habitavam a África. (NASCIMENTO, 1978 p.174)



Figura 11 Matinta Pereira UFSCar Sorocaba. Acervo Pessoal

*Baiana vamos simhora cumprir nossa obrigação
 O nosso Rei nossa Rainha coroa do meu Leão
 (Toada do Maracatu nação Leão Coroado-Recife)*

*Lá na aldeia aonde eu moro
 Lá Tem cabocla bonitinha como essa nega
 A cabocla de pena ela dança assim
 A cabocla de pena dança assim
 Com seu rosário
 (Ponto de Baião de Princesa (MA) cantado como Toada no Maracatu Estrela Brilhante de
 Recife (PE))*

1.2. O Curso de Relações Raciais e Educação e a educação do conflito

Para iniciar este subtópico pensamos ser importante fazer o resgate do processo histórico ao qual o Brasil se constituiu, para então compreender melhor o segundo importante reencontro que será narrado. Afirmamos antes de dar sequência, que não nos aprofundaremos no resgate da história do Brasil, devido ao fato de não ser o tema principal dessa pesquisa, no entanto, compreendendo a necessidade urgente de cada vez mais desvelar a história do Brasil construída pela falsa ideia da “democracia racial”, sugerimos então os estudos devidamente realizados por Florestan Fernandes (1959; 1960; 1979).

Infelizmente temos como marco histórico no Brasil a violenta retirada de povos africanos levados como mercadoria e escravizados nas Américas por europeus que acreditavam serem superiores aos demais seres humanos e demais culturas, ao ponto de criar e executar planos de dominação e extermínio de toda uma população negra em nome do vil metal.

A história é recorrentemente contada do Brasil denominada de “História Oficial” se inicia com a dominação dos povos originários ameríndios pelos colonizadores e segue por mais de 500 anos de desumanidade, que violentam corpos, culturas e memórias.

Criado por elites brancas e laboriosamente inscrito no imaginário social, com a contribuição de eminentes cientistas sócias, o mito da democracia racial que se supõe existir no Brasil foi, provavelmente, um dos mais poderosos mecanismos de dominação ideológica produzido no mundo. Apesar de toda crítica que a ele foi feita, permanece irresistivelmente atual. Por meio dele ressalta-se o caráter miscigenador da sociedade brasileira: um povo mestiço, misturado, aberto aos contatos inter-raciais. Em uma palavra: pluriétnico. (GONÇALVES & SILVA, 2004 p.73)

O mito da democracia racial, muito bem instaurado na sociedade, forçosamente, tenta apagar a violenta história sofrida pelo povo negro herdado pelo sistema escravocrata que, a partir da racialização e a hierarquização das raças branco, Negro e nativos da terra, instaurou na sociedade o que é nomeado de racismo estrutural.

Ao mesmo tempo em que miscigenação e pluralidade étnica se transforma em magníficas metáforas e alegorias literárias, negros, índios e mestiços vivem a mais brutal discriminação em todos os lugares em que vivem, seja no campo ou nos centros urbanos. Estranho jogo esse em que os diferentes são, a um só tempo, objeto de exaltação e de exclusão. (GONÇALVES & SILVA, 2004 p.74)

Em meio ao jogo das diferenças, a população violentamente excluída se organizou e construíram formas de luta. Como é o caso do Movimento Negro Unificado brasileiro (MNU)

Dando um salto histórico, então 2003, devido a árduas lutas e pleiteamento de poder na esfera política, foi promulgada a lei 10639/2003 que alterou a LDB 9394/96, incluindo os artigos 26A e 79B, determinando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira no ensino Fundamental e Médio das instituições públicas e privadas, incluindo também o dia 20 de Novembro no calendário escolar como o Dia da Consciência Negra. Para a devida efetivação da lei, o Conselho Nacional da Educação aprovou a resolução cne/cp 01/2004 instituindo as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e Para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” nomeado por DCNERER’s. Demandada pelo Parecer 03/2004 salientando a necessidade da criação de diretrizes curriculares que “orientem a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas” (BRASIL, 2004, p. 09) As Diretrizes normatizam:

A obrigatoriedade da inclusão da História e cultura Afro brasileira e Africana nos currículos de Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussão pedagógicas, inclusive na formação de professores. (...). É importante destacar, que não se trata de mudar de raiz europeia, por uma africana, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes asiáticos, além da raiz africana e europeia (Brasil, 2004, p.8).

Diversas ações foram criadas para assegurar e implementar a lei supracitada, dentre essas ações, ainda em 2009 foi criado o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação da relações étnico-racial e para o ensino de história Cultura Afro brasileira e Africana que:

O Plano prevê metas norteadoras e prazos para a sua execução por parte dos diferentes atores responsáveis: Congresso Nacional (Comissão de Educação), Secretaria Especial de Políticas para a Igualdade Racial – SEPPIR, Conselho Nacional de Educação – CNE, Ministério da Educação – MEC e suas Secretarias e Conselhos Estaduais, Distrital e Municipais de Educação (CEE, SEDUC/SEE, MEd), fóruns Educação e de Educação e Diversidade, Instituições de Educação Superior – IES públicas e privadas, Instituições de Educação Básica, Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e similares (NEABs). (MONTEIRO, 2016 p.8).

Infelizmente, após o golpe civil midiático de 2016 parte significativa desses importantes espaços de luta e conquista de políticas públicas e responsáveis pela

implementação e execução das metas do Plano Nacional, foram extintos, como é o caso da SEPPIR, dificultando ainda mais a implementação de ações antirracistas.

Dando continuidade ao desenho dos encontros e reencontros, em 2012 dois professores do curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba, Prof.^a Dra. Adriana Varani e Prof. Dr. Marcos Francisco Martins, assumiram o compromisso de organizar o curso de extensão intitulado “Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER’s)” em parceria com militantes do Movimento Negro de Sorocaba ao qual fui monitora. Tive, neste momento, a grande honra de caminhar no processo formativo acompanhado de importantes lideranças do movimento negro de Sorocaba e região.

Vale ressaltar que esse foi o primeiro curso da UFSCar Sorocaba que trouxe como objetivo discutir as questões étnico raciais. No formato de Atividade Curricular de Integração, Ensino Pesquisa e Extensão (ACIEPE) esta experiência serviu de base para a criação da disciplina optativa na grade do curso de Licenciatura em Pedagogia. É importante notar que este movimento na Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, estava seguindo o andamento do contexto político social e educacional como mencionado anteriormente, que impulsionavam ações para a implementação das ERER’s nas instituições de ensino.

Na UFSCar *campus* Sorocaba, em 2013, um ano após a criação da disciplina de Educação e Relações Étnico raciais na grade do curso de Licenciatura em Pedagogia como Optativa passou a ter uma professora responsável Prof.^a Dra. Rosana Batista Monteiro, que é responsável também pela organização de mais dois cursos em formato de ACIEPE voltados para estudantes e comunidade externa à Universidade, o qual estive presente também como monitora. O curso de extensão “Educação e Relações étnico Raciais” voltado para o público em geral e o curso de “Formação para formadores em Educação para as relações étnico raciais” este com o público específico para gestores da área da Educação. Ambos tiveram três edições de oferta nos anos de 2013 a 2015.

Esta legislação marca positivamente a luta por uma sociedade antirracista pois:

Estamos tratando aqui de uma nova política pública no campo da educação, e que tem como característica a inovação, a disputa política contra-hegemônica, a desconstrução de conceitos e noções fortemente arraigados – inclusive no campo educacional – e, por conta disso, a proposição de novos parâmetros interpretativos e analíticos alternativos àqueles já consolidados nos estudos histórico e na educação. Nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade

Sobre as possibilidades de transformação que a promulgação da Lei e os movimentos políticos e educacionais que se mobilizaram, para a pesquisadora Nilma Lino Gomes “é necessário descolonizar os currículos como um desafio para as pesquisas que articulam a diversidade étnico-racial e formação docente” (p.17)

Ela [a Lei 10.639/2013] exige mudanças de prática e descolonização dos currículos da educação básica e superior em relação à África e aos afro-brasileiros. Mudanças de representação e de prática. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigados em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade (GOMES, 2012 p.100).

Para tal mudança o debate precisa percorrer o campo epistemológico também, e é nesta perspectiva que relatar sobre o meu encontro com esse curso e com esta equipe em questão faz sentido. Além de presenciar ações de implementação da Lei e comprometidas com a educação antirracista, este foi um momento, também, para experienciar o movimento de repensar as estruturas epistemológicas de ensino, sobretudo na presença de pesquisadoras e pesquisadores integrantes do Grupo de Pesquisa “Educação, Territorialidade e Saúde da População Negra (ETNs⁵), ao qual faço parte como integrante desde sua formação em 2013 sob a coordenação da professora Dra Rosana Batista Monteiro, acompanhadas de pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com a luta por uma educação antirracista.

⁵ Para acompanhar os trabalhos realizados pelo grupo de Pesquisa ETNs <http://www.etns.ufscar.br/>

1.3. O pisar em terras sagradas e espaços de ressocialização negra



Figura 12 Entrada do barracão de Asè

Egba rà bó agô mojuba rà (Tenho fé e peço licença para louvá-lo em minha casa)

Egba Kose (Tenho fé)

Egba rà bó Mojuba rà (Tenho fé e peço licença para louvá-lo em minha casa)

E mó dé ko e ko (Nossa casa esta limpa, Proteja a nossa terra)

Egba rà bó mojuba rà (Tenho fé e peço licença para louvá-lo em minha casa)

Lè gbálè ésú loná (Seu poder exu, limpa o caminho)

Laróyè Esù!

(Cantiga para Orixá Esú Candomblé Ketu)

Pra pensar o conceito que colocamos no subitem “ressocialização negra” é preciso relembrar parte da história de formação do Brasil que se inicia com a pretenciosa ideia de inferioridade humana, capaz de produzir e sustentar o maior genocídio negro da História, a Escravidão Negra imposta por colonizadores para a criação da terra Brasília.

“Brasil! Brasil! Os escravos destinados às Américas eram trocados por bugigangas! Os escravos homens davam nove voltas em torno da árvore e as escravas, sete. Depois disso, supunha-se que os escravos perdiam a memória. Esqueciam seu passado, suas origens, sua identidade cultural, para se tornarem seres sem nenhuma vontade de reagir ou de se rebelar. Que aberração! Que contradição” Na história humana alguém já viu um nagô esquecer suas origens? Sua identidade cultural? Se ela está tão marcada em seu rosto e tão incrustada em seu coração⁶?

Em Wuida cidade localizada na República do Benin, ficavam um dos maiores portos de embarque dos que seriam escravizados. Antes do embarque, essas pessoas eram obrigadas a darem voltas em torno de uma árvore, a chamada árvore do esquecimento, conforme descrito no depoimento acima. Desta forma “ A escravidão Africana nas Américas produziu, para aqueles que foram escravizados, dispersão, fragmentação, quebra de laços associativos e morte dupla: a física e a simbólica.” (SIMAS & RUFINO, 2018 p.57).

6 Transcrição depoimento documentário Atlântico Negro – na rota dos Orixás. produzido por Renato Barbieri, 1998.



Figura 13 Portal do Não Retorno Benin.

Que noite mais funda calunga
 No porão de um navio negreiro
 Que viagem mais longa
 candonga
 Ouvindo o batuque das ondas
 Compasso de um coração de
 pássaro
 No fundo do cativoiro
 É o semba do mundo calunga
 Batendo samba em meu peito
 Kawo Kabiecile Kawo
 Okê arô oke
 Quem me pariu foi o ventre de
 um navio
 Quem me ouviu foi o vento no
 vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar o seu terreiro
 Epa raio, machado, trovão
 Epa justiça de guerreiro
 Ê semba ê
 Samba á
 o Batuque das ondas
 Nas noites mais longas
 Me ensinou a cantar
 Ê semba ê
 Samba á
 Dor é o lugar mais fundo

É o umbigo do mundo
 É o fundo do mar
 No balanço das ondas
 Okê aro
 Me ensinou a bater seu
 tambor
 Ê semba ê
 Samba á
 No escuro porão eu vi o
 clarão
 Do giro do mundo
 Que noite mais funda
 calunga
 No porão de um navio
 negreiro
 Que viagem mais longa
 candonga
 Ouvindo o batuque das
 ondas
 Compasso de um coração
 de pássaro
 No fundo do cativoiro
 É o semba do mundo
 calunga
 Batendo samba em meu
 peito
 Kawo Kabiecile Kawo
 Okê arô oke

Quem me pariu foi o ventre de
 um navio
 Quem me ouviu foi o vento no
 vazio
 Do ventre escuro de um porão
 Vou baixar o seu terreiro
 Epa raio, machado, trovão
 Epa justiça de guerreiro
 Ê semba ê ê samba á
 é o céu que cobriu nas noites de
 frio
 minha solidão
 Ê semba ê ê samba á
 é oceano sem, fim sem amor,
 sem irmão
 ê kaô quero ser seu tambor
 Ê semba ê ê samba á
 eu faço a lua brilhar o
 esplendor e clarão
 luar de luanda em meu coração
 umbigo da cor
 abrigo da dor
 a primeira umbigada massemba
 yáyá
 massemba é o samba que dá
 Vou aprender a ler
 Pra ensinar os meus
 camaradas!

“Mas a história da escravidão é também, ao mesmo tempo, uma experiência de reconstrução constante de práticas de coesão, invenção de identidades, dinamização de sociabilidades e vida.” (SIMAS & RUFINO, 2018, p.58). Terreiros de Candomblé e Umbanda, Associações, grupos de expressões artísticas negras como Maracatu, Congadas, Jongos, a maior e mais conhecida experiência de teatro unicamente para o povo preto o Teatro Experimental do Negro (TEN), idealizado por Abdias do Nascimento, dentre diversos outros espaços de cultura negra, foram e continuam sendo espaços de ressocialização negra, de invenção, construção, manutenção e dinamização de identidades comunitárias negras.

É olhando para o terreiro de Candomblé e observando sua potencialidade na reformulação das subjetividades que o pisar no terreiro de Candomblé possui tal importância para ser relatado nessas linhas.

Minha chegada no Ilê Alaketu Asé Omo d' Logunedé representou o reencontro com a ancestralidade, como meu Ori, trazendo a tona toda uma memória ancestral. Memória sentida e experimentada sobretudo nas sensações do corpo, ao ouvir o som dos atabaques, nos cânticos nos orikís. É neste momento de viver o terreiro e toda sua espiritualidade negra que o corpo fica repleto de força de amor de esperança de asê.

Cheguei no terreiro a convite do Babalorixá, popularmente chamado de Pai de santo, Nivaldo d'Logunedé para vivenciar a festa das Yabas no mês de Novembro de 2012. Assim que ouvi o tocar dos atabaques, a roda dos filhos da casa se formando no centro do barracão, senti como se já fizesse parte daquele lugar, em questão de segundos transbordou em mim o sentimento de pertencimento e acolhimento.

O Terreiro se afirma como território étnico cultural de acolher de uma forma mais geral o cruzamento dos espaços e dos tempos compreendidos na especialização do grupo negro. Ali se conservam os preciosos conteúdos patrimoniais (o axé ou a energia dos ancestrais), como também os ensinamentos do xirê, os ritmos e as formas dramáticas, que se desdobram ludicamente na sociedade global (SODRÉ, 1988 p. 97).

Foi também pelo envolvimento no terreiro de Candomblé que pude desenvolver a temática de pesquisa que se transformou no trabalho de conclusão de curso da Pedagogia/UFSCAR. A proposta de pesquisa realizada foi observar e evidenciar os processos de aprendizagem existentes na prática do terreiro de Candomblé que

possibilitam pensar a prática pedagógica antirracista. Fui orientada neste percurso pela professora Dra. Rosana Batista Monteiro e coorientada pelo Babalorixá Nivaldo de Logunedé. Esta foi a primeira e significativa experiência de produzir pesquisa de corpo presente, escrever, pensar, analisar saberes que me atravessavam, que fizeram por diversas vezes o olho brilhar, dando real sentido para o fazer pesquisa e produzir conhecimento.

Além da potência de experimentar fazer pesquisa de corpo implicado, os princípios epistemológicos me aproximaram ainda mais da luta antirracista que já percorria militando em grupos dentro e fora do ambiente acadêmico.

O trabalho foi apresentado em 2016 e possui duas versões impressas que podem ser encontradas na Biblioteca da UFSCAR Sorocaba e outra versão no acervo do Ilê Alaketu Asè Omo d' Logunedé.

Trago para compartilhar neste texto um registro fotográfico feito por um filho de santo do terreiro. O momento em questão é de grande importância para mim, mostra o momento em que tive a dimensão do quanto nós educadores e pessoas comprometidas com a educação de modo a transgredir as variadas formas de violência, temos a aprender com os saberes africanos e afro-brasileiros presentes no Candomblé.

Era um domingo no mês de Agosto, o Ilê estava cumprindo a obrigação do Olubajé⁷, depois de uma manhã intensa, repleta de energia da terra e seus ancestrais circulando entre nós, almoçamos e fizemos uma pequena pausa para recomeçar os trabalhos. Durante a pausa de “descanso” do almoço sentei no barracão ao lado a Egbomy⁸ Karla de Xangô com sua filha Fernanda d Iemanjá, Egbomy Vanessa de Euá e Egbomy Rúbia de Oti, aos poucos foram chegando mais pessoas e crianças. Dentre um papo e outro, de repente, Egbomy Vanessa d' Euá perguntou para as crianças se elas lembravam quem era o orixá Euá. Cada uma das crianças disseram algo, inclusive que era um orixá que estava presente naquele dia do ritual. Então Vanessa começou a contar o Itã⁹ de que Euá, aquele em que Euá havia salvado Orumilá, o orixá do conhecimento, da morte conhecida pelos Yorubas de Ikú.

⁷Olubajé é o nome dado a obrigação religiosa em homenagem aos orixás do Omulu, Euá, Oba, Nanã, Ossan, Iroko. São orixás que de alguma forma possuem ligação forte com o elemento terra.

⁸Nome dado a quem possui mais de 7 anos de iniciação no Candomblé.

⁹É chamado de itã toda a “mitologia” ioruba, que são narrativas contando sobre os percursos dos Orixás. Possuem grande teor de organização social com valores éticos.

Orunmilá era um babalaô que estava com um grande problema. Orunmilá estava fugindo da Morte, de Icu, que o queria pegar de todo jeito. Orunmilá fugiu de casa para se esconder. Correu pelos campos e ela sempre o perseguia obstinada. Correndo e correndo, Orunmilá chegou ao rio. Viu uma mulher lavando roupa junto à margem. “Por que corres assim, senhor? De quem tentas escapar?” Orunmilá só disse: “Hãhã”. “Foges da Morte?”, adivinhou Euá. “Sim”, respondeu ele. Euá então o acalmou. Ela o ajudaria. Euá escondeu Orunmilá sob a tábua de lavar roupa, que na verdade era um tabuleiro de Ifá¹⁰, com o fundo virado para cima. E continuou cantando e lavando alegremente. Então chegou Icu, esbaforida. Feia, nojenta, moscas envolvendo-lhe o corpo, sangue gotejando pela pele, um odor de matéria putrefata empestando o ar. A morte cumprimentou Euá e perguntou por Orunmilá. Euá disse que ele atravessara o rio e que àquela hora deveria estar muito, muito longe muito além de outros quarenta rios. A Morte desistiu e foi-se embora resmungando. Euá tirou Orunmilá de sob a tábua e o levou são e salvo para casa. Preparou um cozido de préas e gafanhotos servindo com inhames bem pilados. À noite Orunmilá dormiu com Euá e Euá engravidou. Euá ficou feliz pela gravidez e fez muitas oferendas a Ifá. Euá era uma mulher solteira e Orunmilá com ela se casou. Foi uma grande festa e todos cantavam e dançavam. Todos estavam felizes. Euá cantava: Ounmilá me deu um filho” Orunmilá cantava “Euá livrou-me da Morte”. Todos cantavam: “Euá livra Orunmilá de Icu!” (PRANDI, 2014 p. 235)

Observando a contação do Itã e todo o movimento existente naquele momento, foi que tive a dimensão dos saberes ancestrais sendo caminhos importantes para repensar a prática docente e concepções de Educação. E decorrente ao momento registrado pela foto que soube o que queria pesquisar, e além de pesquisar, soube que ali, onde encontramos com nossos ancestrais, fortalecemos nossos vínculos e energias, é o lugar que me reconheço, me sinto em casa e que permaneço presente como filha de santo e como militante. Militante pelos direitos da população negra, pela Liberdade Religiosa, contra o Racismo religioso, a favor dos direitos à Saúde, à Educação e à Moradia. Luto também, pelos direitos deles permanecerem vivos, sob o risco constante de morte pelas demarcações sociais como povo de terreiro e como pessoas negras e periféricas.

¹⁰ Ifá é Orixá da adivinhação, Ifá não é cultuado no Brasil.



Figura 14 Momento da contação Itan. Acervo pessoal. 2015

Olhar para a foto e relembrar o momento relatado, traz reflexões acerca das estratégias de aprendizado, de ensino de construção e transformação do saber, do

conhecimento específico do Candomblé e também da própria vida. Uma pedagogia assentada nos princípios da cultura negra presente no terreiro de Cadomblé. Uma pedagogia que não se limita a separar o corpo (bara) da cabeça (orí), que possui a oralidade como fonte de conhecimento visto que

Nos terreiros, a oralidade é a constituição própria do pensamento da diáspora e é a categoria pela qual, na linguagem, o povo de santo constitui sua memória e tradição. A oralidade ultrapassa então a noção clássica de interação do diálogo quando traz à cena os ancestrais, os tempos imemoriais. É o diálogo encarnado nos sujeitos vivendo sua experiência espaço-temporal coletivamente, na/pela alteridade (NETO, 2019 p.11)

É fundamental olhar para o terreiro além da prática religiosa, mas como espaço/lugar de forte marca cultural afro-brasileira, espaço que circula a memória do povo negro em diáspora e produz prática cultural assentada na ancestralidade.

1.4. A chegada no Mestrado em Educação e os percalços de uma pesquisa

Entrar no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, vinculada à linha de pesquisa: Educação, Comunidade e Movimentos Sociais que possui “como foco de investigação as relações entre educação, comunidade e movimentos sociais. Parte do princípio de que a educação é um fenômeno sócio-histórico, que acontece num campo de disputas de poder e profundamente marcado pela forma de organização política, econômica e cultural¹¹” no contexto de pesquisa sobre Educação e Cultura Popular e processos de subjetivação, permanecer no caminho dos estudos e produção acadêmica tornou-se cada vez mais caminho de luta e resistência. O sonho da graduação não fez parte do meu repertório de sonhos e desejos durante grande parte da minha trajetória, o sonho da pós-graduação parecia quase que impossível quando me deparava com a realidade de minha família. No entanto, fui a primeira mulher da família a romper com que foi historicamente imposto como único caminho possível para mim, mulher negra e pobre, e por isso mesmo, ferramenta de luta pela produção de conhecimento no combate ao racismo. Não é unicamente uma forma de ascensão individual, mas também compreender o contexto

11 <http://www.ppged.ufscar.br/pt-br/apresentacao/linhas-de-pesquisa/educacao-comunidade-e-movimentos-sociais>

político e social de extermínio da população negra brasileira, e assumir o posicionamento de luta frente ao racismo.

É se baseando por esse percurso aqui descrito que buscamos por meio desta pesquisa potencializar a luta de uma mulher negra em movimento, que a partir do momento que construiu e afirmou sua identidade como mulher negra, assume assim o posicionamento de luta com povo negro brasileiro, contra o racismo e na construção por uma educação antirracista.

Quanto mais se amplia direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizadores e exigem propostas emancipatórias. Quais são as respostas epistemológicas do campo da educação a esse movimento? Será que elas são tão fortes como a dura realidade dos sujeitos que as demandam? Ou são fracas, burocráticas e com os olhos fixos na relação entre conhecimento e os índices internacionais de desempenho escolar? (GOMES, 2012 p.99).

Tenho consciência de que uma pesquisa científico acadêmica de Mestrado não se trata de um monólogo, onde, eu como autora dos textos escritos, exponho meus anseios e desejos. No entanto, escrever linhas sobre meu percurso pessoal na relação com o social penso ser um caminho possível para melhor compreender e interpretar o que produzo a partir do exercício do pensamento que é a real proposta do pesquisar.

Escrevo esses primeiros capítulos da dissertação usando como linha condutora de memória e saber, as experiências que marcaram o meu ser na relação com esta pesquisa, escrevo sobretudo por que escrever é ato político, é ato de resistência, resistir ao processo do adoecimento intelectual e afetivo em tempos neoliberais.

Mas confesso que o ato de escrever não é tão leve, ao menos para mim, escrever dói, talvez porque escrever também cura. Cura do enrijecimento da mente, e através do belo possibilita o reacender dos afetos. Ressoa em mim, neste momento, a voz de outra mulher negra ao dizer que essas pequenas e tão importantes escritas “me salvam da complacência que me amedronta [...] Por que devo manter vivo o espírito da minha revolta e a mim mesma também. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você [...]” desta forma acolho e repasso o pedido feito por Anzaldúa (2000 p. 235):

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicos, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas.

Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem a censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel.

2. CAMINHO METODOLÓGICO: lapidação das palavras e pensamentos...

Separamos este capítulo para descrever o caminho percorrido para delimitar o estudo e para pensar a metodologia da pesquisa. Na primeira parte, contaremos como foi para chegar no “problema” da pesquisa. Na segunda parte o que foi identificado sobre os estudos de História Oral, Tradição Oral e Oralidade, três conceitos “chave” para cumprir com o objetivo da pesquisa. Na terceira parte deste capítulo, compartilho como foi feito o levantamento bibliográfico das principais referências que nos ajudaram a pensar o fazer da pesquisa.

Organizar o turbilhão de pensamentos e traduzir em palavras para o papel, desejos, anseios e medos que me acompanham, é tarefa difícil! Foi preciso exercer a escuta. Escutar diversas vozes e fazer de cada voz, um pedaço de retalho que juntas formarão um belo manto.

Assim é esse processo de encontro e reencontro com a pesquisa e o vir-a-ser pesquisadora, exige sensibilidade, olhar atento, escuta atenta, e uma relação outra com o tempo que não somente o cronológico passível de ser marcado nos ponteiros de um relógio, mas o tempo que leva para sentir profundamente as sensações e as experiências. Larrosa é assertivo quando nos convida a refletir sobre o significado da palavra experiência “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (Larrosa, 2002, p.21).

Trouxe as quatro experiências no memorial que julgo serem as responsáveis pela trajetória escolhida, e, em certa medida, a escolha do tema escolhido para desenvolver no mestrado. Desta forma, de ouvidos bem abertos, olhar sensível e a escrita cada vez mais tomando (o)corpo busco desenhar um percurso que na medida que traga o que sou, minhas leituras e referências, desejos e anseios, traga também sua importância no universo acadêmico, inclusive afirmando e reescrevendo outras formas de fazer pesquisa que não a já posta e enrijecida, e que traga também caminhos de transformação dentro e fora da aprendiz de pesquisadora que sou.

Inicialmente, no primeiro projeto escrito e apresentado ao programa, havia o desejo de continuar a pesquisa no espaço do terreiro de Candomblé, e desta vez o olhar deveria focar a mitologia e seus desdobramentos na construção das subjetividades do povo de terreiro. Entre reuniões com a orientadora, aulas das disciplinas que cursava e conversas com o grupo de pesquisa ao qual faço parte, tive a experiência de retornar ao quilombo Cafundó.

O retorno se deu em um dia especial, era mês de maio de 2018, dia de devoção aos santos padroeiros São Benedito e Nossa senhora do Rosário, a chamada festa da Santa Cruz que em 2019 completou a centésima quarta edição realizada no Cafundó. O dia era de festa, agradecimento e devoção, dentre diversas atividades, o momento da procissão e da roda de Jongo são os mais esperados. Feita a obrigação e cumprida a procissão dos santos protetores, deu-se início a roda de Jongo. Ao me arrumar para entrar na roda, vestindo a saia, estava comigo me preparando pra puxar alguns pontos de jongo pra compartilhar na roda. Quando, para minha surpresa e felicidade, o grupo que anos atrás era pequeno com no máximo cinco moradores do quilombo e os demais eram amigos visitantes jongueiros, naquela noite estava repleto de jovens mulheres e homens moradores do quilombo Cafundó, e ao entoarem os pontos de jongo me dei conta de que eram todos de autoria do grupo. Todos escritos coletivamente pelos quilombolas que ali estavam, reascendendo a chama que esquentava e ilumina o Jongo no Cafundó, com pertencimento e com alegria. Mais do que todas as outras rodas de Jongo que presenciei como o grupo do Cafundó Turi Vimba¹², aquela foi, sem dúvida, a roda que mais me marcou. Uma mistura de sentimento tomou conta do meu ser, ao ver a quantidade de meninas/mulheres rodando a saia no centro da roda, cantando forte e alegremente os pontos de Jongo. Quando finalizamos a roda de Jongo fui abraçá-los pra dizer tamanha alegria, Cíntia, jovem moradora do Cafundó e uma das lideranças entre os jovens, me contou rapidamente que estavam se reunindo semanalmente no quilombo para aprender a Cupópia¹³ com os moradores antigos griôs, termo de referência da cultura que

12 Terra de Negro em Cupópia

13 A Cupópia é uma língua originária do lexo Bantu falada por moradores do quilombo Cafundó. Os pesquisadores Peter Fry e Carlos Vogt desenvolveram uma pesquisa que sistematizou a estrutura linguística da Cupópia. Do estudo foi lançado o livro **“Cafundó a África no Brasil”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. Foi por meio da Cupópia que o quilombo Cafundó foi “descoberto” pelos jornais na década de 1970 com a primeira reportagem do Cruzeiro do Sul. Após essa reportagem o quilombo passou a receber muitas visitas de pesquisadores, de jornalistas, entidades do movimento negro, passando a ter visibilidade e sendo conhecido com o único quilombo que possui uma língua ainda falada de origem africana.

permanece na tradição de Marcos e Jovenil¹⁴, e que, para facilitar o aprendizado, começaram a fazer pontos de Jongô em Cupópia.

*Na encruzilhada das experiências, na encruzilhada da vida, na encruzilhada dos
saberes, me refaço me renovo, não somente a mim, mas também a todos nós
Viver das encruzilhadas¹⁵
Viver nas encruzilhadas*

Fui afetada por esta experiência no quilombo Cafundó, que abriu novos caminhos e novas inquietação das quais buscamos acolher e compreender diante desta pesquisa. Qual o espaço ocupado pelas rodas de Jongô como artimanhas culturais afirmando identidades quilombolas do quilombo Cafundó? É a inquietação que pulsa e é transformada aqui em “problema” no formato de pesquisa científica.

Temos, portanto, o objetivo de escutar as vozes dos quilombolas que têm mostrado, com grande potência, outras formas de viver o mundo, resistindo e criando possibilidades; dar forma de escrita acadêmica ao processo criativo vivido e reafirmado pelos jovens quilombolas recriando/ressignificando a roda do jongo, resgatando a Cupópia e construindo ou fazendo deste espaço um lugar para a construção de subjetividades e identidades. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma revisão bibliográfica em torno da temática quilombo e a presença do jongo em territórios quilombolas, especificamente no quilombo Cafundó. Acompanhamos as oficinas e vivências de rodas de jongo no Quilombo Cafundó, procurando registrar como esta tradição se manifesta no presente. E, por fim, firmando o comprometimento com uma pesquisa a serviço da comunidade, tivemos, também, como objetivo, estreitar os laços entre os sujeitos participantes do processo desta pesquisa, para que isso ocorresse, foi feito, constantemente, a devolutiva do que estava sendo produzido no caminhar da pesquisa, e, após a defesa, a apresentação da dissertação será feita no território do Quilombo Cafundó, com convite aberto para toda a comunidade. Os registros fotográficos serão entregues para o grupo Turi Vimba bem como as cópias impressas da dissertação.

14 Marcos é um antigo morador do quilombo e grande liderança no Cafundó junto de Dona Regina, sua companheira, e Jovenil seu irmão de sangue. Marcos e Jovenil, hoje, são os poucos moradores que falam fluente a Cupópia e são eles os responsáveis por ensinar a língua aos mais novos.

15 Escritorias poéticas do caderno de campo.

2.1 A pesquisa e a Pesquisadora engajada e seus desdobramentos reais

Nesta pequena parte da dissertação pensamos em refletir sobre os imprevistos de uma pesquisa quando feita de corpo presente. Reflexão esta, que compreendemos ser realizada de forma humilde, na intenção de “um ponta pé inicial” para se pensar o fazer de uma pesquisa acadêmica.

Voltar ao quilombo Cafundó, desta vez com a proposta do desenvolvimento de uma pesquisa provocou além da incrível experiência em aprender com tantas pessoas admiráveis, trouxe também outras possibilidades de estar cada vez mais próxima com o quilombo e seus moradores e com a minha função enquanto pedagoga.

Certo dia na minha ida ao quilombo, dona Regina pediu para ajudar uma das moradoras do Cafundó, Lucimari que, recém saída do ensino médio, agricultora junto dos seus dois irmãos, Alex e e sua irmã Amanda mãe Lucimara, estava se preparando para prestar o ENEM e pleitear a uma vaga no Ensino Superior Público. Precisava de aulas preparativas para o exame. Prontamente recorri a uma amiga e professora de um cursinho comunitário pré vestibular, Luciana Leme, que aceitou ajudar e logo na semana seguinte, estávamos, eu e Luciana, num sábado de manhã, prontas pra ajudar Lucimari. Para nossa surpresa ao chegar no quilombo, Ana, também moradora do Cafundó, que havia parado os estudos na sétima série do ensino regular, também estava nos aguardando com seu caderno nos braços para voltar a estudar.

Rapidamente nos organizamos numa sala e demos início a esta experiência tão significativa.



Figura 15 Primeiro dia de aula no Cafundó. Acervo pessoal. 2019

Até o final da escrita dessa dissertação, os encontros continuam acontecendo aos sábados de manhã no Cafundó e agora com a presença de mais duas moradoras, Lucilene e Adriene, mãe e filha, Lucilene que assim como Ana parou os estudos na sétima série e almejava finalizar, Adriele finalizou os estudos e almejava cursar ensino Técnico Automotivo.



Figura 16 Aula geopolítica. Acervo pessoal. 2019

Semanas após o início do primeiro encontro com Lucimari e Ana, dona Regina expôs a vontade de organizar rodas de mulheres do quilombo, com intenção de ser um momento de acolhimento, de troca e de aprendizado. Me vi nesta tarde de sábado no quintal da casa de seu Marcos e seu Juvenil organizando a temática para dar início a roda de mulheres com a presença de Luciana e Andreia¹⁶.

¹⁶ Realizamos o primeiro encontro com a ideia de ser um momento de acolhimento e de troca de saberes e experiências sobre o que é ser mulher nos dias atuais. Questões como o racismo, e as diversas formas de violência de gênero foram recorrentes nas narrativas de cada mulher participante da roda. O que gerou outros encontros elaborados a partir dos desejos e anseios do grupo.



Figura 17 Roda de mulheres quilombo Cafundó. Acervo pessoal 2019

Não caberia aqui detalhar essas duas experiências, primeiramente porque são recentes, estamos falando de cinco meses desde o primeiro dia de “aula” com Lucimari e Ana. Cabe então trazer este movimento para pensar sobre os diversos caminhos que se abrem ao estar no “campo de pesquisa” e estar comprometida de corpo presente, permitindo ser afetada pelas experiências que o território de pesquisa e as pessoas envolvidas podem proporcionar.

Trago este momento para relatar sobre a importância em se manter atento e vigilante ao que a pesquisa propõe. As chances de “dispersão” dos objetivos da pesquisa são eminentes, e neste caso em especial, foram diversas.

Trago também para dizer o quanto uma pesquisa engajada, de corpo presente, pode significar além da escrita de uma dissertação, pode trazer também o desenvolvimento e o comprometimento pela luta, sobretudo, ao estar tão próxima de pessoas que historicamente nos mostraram como é sobreviver, criando formas de resistência de driblar a sociedade racista e violenta.

Os finais de tarde dos sábados, no quilombo Cafundó, têm sido repletos de aprendizado na companhia de seu Marcos e seu Juvenil, dona Regina, Luciana, Andreia e todas as moradoras e moradores do quilombo Cafundó.



Figura 18 Entardecer no Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2020

2.2 Aproximações teóricas História Oral, Tradição Oral e Oralidade

A ciência moderna está calcada na tradição ocidental que por sua vez está a serviço de uma política colonial, excluindo o olhar do outro que não o colonizador. Este momento do texto busca ser o início de uma aproximação teórica, relacionada com o princípio de uma outra concepção de pesquisa que busca se ancorar no fazer pesquisa a partir dos saberes da cultura negra e a serviço da comunidade.

Durante o mergulho nas vivências dentro do universo que são as culturas populares afro-brasileiras, falar de cultura do povo negro é falar também da oralidade. Não é uma afirmativa que as culturas africanas e por sua vez, as expressões culturais afro-brasileira são unicamente orais ou então ágrafas, já que pelo próprio termo “ágrafo”

representa a ausência de algo, a ausência da grafia, a exemplo do grupo étnico Ashanti, localizado na extensão territorial onde hoje se encontra o país de Gana, existem os Adinkras, complexo e sofisticado sistema gráfico. Mas, mesmo com sistemas gráficos elaborados, em certas sociedades a oralidade se faz presente como forma de disseminação da cultura, e no Brasil a oralidade foi e ainda é um caminho importante para difusão e recriação cultural, como é o caso dos espaços afro religiosos e de cultura tradicional popular.

	Proteção e presença divina		Inteligência, engenhosidade		Grandeza, carisma e liderança		Fé em deus
	Majestade e supremacia divina		Beleza, higiene, qualidades femininas		Vigilância, atenção		A supremacia de deus
	Aprender com o passado		Humildade, força		Coragem, valor		Conhecimento, sabedoria, prudência
	Aprender com o passado		Amor, segurança		Piedade, educação		Comprometimento, perseverança
	Prontidão, firmeza		Lei, justiça, escravidão		Paciência, tolerância		Fortaleza, prontidão
	Mortalidade		Amizade, interdependência		Entendimento, acordo		Mudanças, a dinâmica da vida
	Sabedoria, engenhosidade, inteligência, paciência		Independência, liberdade, emancipação		Adaptabilidade		Boa sorte, santidade
	Poder do amor		Segurança		Sabedoria, criatividade		Pacificação, reconciliação
	Bravura, força		Inveja, ciúmes		Divindade da mãe Terra		Ofício sacerdotal, lealdade, destreza
	Excelência, autenticidade		Democracia, união da diversidade		Resistência, desenvoltura		Conhecimento, educação vitalícia
	Esperança, providência, fé		Valentia, coragem		Afluência, abundância, união		Serviço, liderança
					Paz, harmonia		União, relações humanas
					Cooperação, interdependência		Precisão, habilidade

Figura 19 Adinkras. Foto tirada do Google pesquisa.

“Reinventamos nossas vidas cada vez que a contamos” (ANDRADE, 2013 p.34), consciente do movimento epistemológico de extermínio do povo preto e seus saberes, assumimos, nesta produção, o discurso daqueles que historicamente foram silenciados. Basearemos nossas leituras naqueles que se propõe outras formas de produzir conhecimento diferente daqueles que nos colonizou, lucrou, escravizou e planejou nosso extermínio. Por tanto, buscaremos trilhar o caminho dos estudos da “descolonização do

pensamento”.¹⁷ História oral e as produções das narrativas e historia de vida será nosso caminho metodológico. Já a tradição oral é o que entendemos ser precursora das relações existentes no espaço do Quilombo, visto como território capaz de preservar, de velar por uma cultura negra, e por onde a oralidade se faz importante meio cultural, do Jongo, mas, também, da língua Cupópia. Trago o pesquisador e Griô Malinês Hampate Bâ (1982) para nos ajudar a pensar sobre a tradição oral e oralidade “uma vez que sociedade africana esta fundamentalmente baseada no diálogo entre indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os griôs são os agentes ativos e naturais nessas conversações” (HAMPATÉ BÂ, 1982 p.204).

O texto “A tradição viva” de Hampate Bá (1982) tem, como ponto de partida, para base de pesquisa de estudo e de narrativa, a cultura subsaariana do continente africano. Dialogando sobre a sua cultura e a forma como é vista a tradição oral, o poder da palavra e o poder do “testemunho”. Inicia seu artigo chamando atenção e dizendo que para se conhecer a fundo uma tradição e uma cultura dos africanos é preciso compreender e partir da tradição oral, pois é por meio dela que todo o saber de uma cultura é transmitido de geração a geração:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPATE BÂ, 1892, p.167).

A história oral como caminho de pesquisa, ao escolher olhar para a história dos grupos excluídos, marginalizados, contrapõem a história oficial hegemônica buscando dessa forma outra interpretação sócio política e cultural, possuindo como base a reconstrução da história dos grupos subalternizados viabilizando outros caminhos e perspectivas descolonizantes.

A cultura e o folclore são meus

Mas os livros foi você quem escreveu

Quem garante que Palmares se entregou

Quem garante que Zumbi você matou

Perseguidos sem direitos nem escolas

17 Boaventura de Sousa Santos (2010) Frantz Fanon (1968) Renato Nogueira (2011)

*Como podiam registrar as suas glórias
 Nossas memórias foi contada por você
 E é julgada verdadeira como a própria lei
 Por isso temos registrados em toda história
 Uma mísera parte de nossas vitórias
 É por isso que não temos sopa na colher
 E sim anjinhos pra dizer que o lado mau é candomblé.*

(PALMARES NATIRUTS)

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente (HAMPATÊ BÁ, 1982)

Quando trabalhamos na perspectiva afro-brasileira é fundamentalmente importante considerar a memória das comunidades. A memória carrega consigo o momento de um registro, que pode por vezes ser marcado na epiderme, no corpo, remetendo a experiência carregado de significados. Por isso, cada registro, cada memória é única e individual ainda que a experiência tenha sido vivida no coletivo. Isso é o que Thompson (1993) chama de “patrimônio pessoal”. Cada pessoa é única e suas percepções são, em certa medida, criações e suas lembranças fazem parte de uma imaginação que está sempre em movimento.

A história de vida são as narrativas daquilo que cada sujeito guarda em sua memória. Corresponde ao como organizamos e como traduzimos o que vivemos e conhecemos. Revelando fatos do passado, do presente e mesmo imaginando o que pode ser no futuro. Sobre isso Thompson (1993, p.18) afirma que a história de vida é então “patrimônio do passado e espírito do futuro”.

Nos basearemos, portanto, na abordagem teórica da história oral, considerando seu método capaz de evidenciar as narrativas contra-hegemônicas a partir do poder da fala dos quilombolas do Cafundó.

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônica, elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis)

para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixam atrás de si um registro escrito muito mais abundante. (PORTELLI, 1997 p.37).

“Cada pessoa é um almágama de potentes histórias” (Portelli, 2010 p. 17) nosso trabalho é o de ouvir atentamente, mais do que ouvir é escutar na certeza de que cada entrevista é diferente e que cada um produz formas distintas de conhecimento.

Sobre as entrevistas gostamos de pensa-las para além de sua função como ferramenta metodológica para possuir as informações das narrativas. Portelli (2010) diz que “A ‘entre/vista’, afinal, é uma troca de olhares. E bem mais do que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores em diálogo” (p. 20).

Atenta para a via ética na pesquisa com História Oral, por se tratar do trabalho diretamente com pessoas, suas memórias, repletas de sentimentos e emoções que são também conhecimento, humildemente compartilhada com a pesquisadora no momento das conversas, gravadas ou não. A História Oral desta forma pode ser também compreendida com a “arte do indivíduo” (PORTELLI), o meio em que o conhecimento criado por cada um será recontado e registrado numa pesquisa.

Influenciada pelos conhecimentos produzidos, estudados e aqui apresentados bem como a prática da vivência em meio aos diversos espaços/tempo/territórios fundados na cultura negra, tomamos assim a liberdade de voltando as encruzilhadas do saber, fazer o movimento de trilhar outro caminho de ser fazer pesquisa e do vir a ser pesquisadora. Implicada com o processo vivido, de corpo presente, e comprometida em ao menos propor o movimento de transgressão.

2.3. Revisitando os mestres anciãos e proseando com os mais novos: passos do levantamento bibliográfico

*A volta que eu dei
Serviu pra ver o tamanho desse mar
Dê força velho pra caminhar
Dê força velho para ver o seu olhar.
(Ponto pra Preto Velho)*

Nas culturas de matriz africana os mais velhos sustentam a comunidade com o seu saber, assim é nos terreiros onde saudamos nossos mais velhos e vamos ao seu encontro para aprender, assim é também no quilombo Cafundó que os mais novos se encontram com os mais velhos para aprender. Desta forma, assim também se caracteriza o movimento desta pesquisadora.

Quando iniciei as primeiras leituras para esta pesquisa me veio a lembrança de conversas que tive com autores, num outro momento da vida, e que agora para esta pesquisa poderão caminhar comigo. Fiz o esforço de revisitar as obras clássicas de autores referência nos estudos sobre Quilombo que pudessem dialogar com esta pesquisa, Clóvis Moura (1981; 1993) Abdias do Nascimento (2003) Maria Beatriz do Nascimento (2011) foram elencados nesta pesquisa.

Além dos estudos sobre quilombo, por esta pesquisa também atravessar a temática dos estudos sobre Racismo e Relações Étnico Raciais, revisitamos, os estudos de Nilma Lino Gomes (2006) Kabenguele Munanga (1986;1998;1998). Além de revisitar os mestres e lapidar alguns de seus conceitos, buscamos atualizar a discussão, nos encontrar com quem discute essas temáticas atualmente. Para que a magia do saber ancestral do ancião se encontre com a vitalidade do saber mais novo e desta forma a circularidade dos saberes se encontrem e se completem.

Realizamos uma pesquisa no acervo da Biblioteca Nacional Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Elencamos três palavras chaves para filtrar os resultados no levantamento dos dados foram elas: QUILOMBO; CAFUNDÓ e JONGO. Dessas três palavras, fizemos o cruzamento e buscamos por: QUILOMBO CAFUNDÓ; JONGO NO QUILOMBO e JONGO NO CAFUNDÓ. Dos resultados sistematizamos em formato de tabela com as informações do nome da/o autora/o; ano de publicação; Título, Área de concentração e modalidade de pesquisa.

A primeira palavra-chave pesquisada foi “Quilombo”, quando colocado com a opção de pesquisar no campo *título* o resultado é de 220 trabalhos encontrados, quando modifica o filtro da pesquisa e coloca como *assunto* o resultado passa a ser de 724 trabalhos encontrados. Optamos por assim, não construir uma tabela com todos esses resultados da forma que fizemos com as outras palavras pesquisadas, devido a intensa produção sobre Quilombo.

A segunda palavra-chave pesquisada foi Quilombo Cafundó, obtemos o resultado de três trabalhos publicados na Biblioteca Digital.

Tabela 1 Tabela produzida com os resultados da pesquisa sobre quilombo Cafundó

	Ano	Autor (a)	Título	IES	Modalidade	Área do conhecimento
1	2016	GUEDES, Aline Soares	Sociabilidade e comensalidade de um quilombo remanescente em São Paulo: Cafundó (1999-2016)	Universidade Anhembi Morumbi	Dissertação	Ciências Sociais Aplicada
2	2016	SILVA, Lucas Bento	A dinâmica de construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó (Salto de Pirapora-SP)	UNESP	Dissertação	Desenvolvimento Territorial na América Latina
3	2016	GOMES, André Luis	Uso do território, normas e políticas: dos compartimentos quilombolas à comunidade Cafundó (Salto de Pirapora)	USP	Dissertação	Geografia Humana

Posteriormente fizemos o cruzamento das palavras Jongô; Jongô e Quilombo, e Jongô e Cafundó a pesquisa com as palavras Jongô e Quilombo e Jongô e Cafundó não possuíam nenhum resultado, diferentemente dos resultados com somente a palavra-chave Jongô, que encontramos vinte e quatro de áreas distintas. Elencamos os trabalhos que

mais se aproximaram das questões aqui trabalhadas resultando em quatorze pesquisas acadêmicas de acordo com o quadro.

	Ano	Ator (a)	Título	IES	Modalidade	Área de Conhecimento
1	2004	PETEADO, Wilson Rogerio	Jongueiros de Tamandaré: um estudo antropológico da prática do jongo no Vale do Paraíba Paulista	UNICAMP	Dissertação	Filosofia e Ciências Humanas
2	2006		Relatos sobre o Jongo: reflexões e episódios de um pesquisador negro	UNB	Dissertação	Antropologia Social
3	2010	SILVA, Andréa	Jongueiros do Tamandaré: o Jongo é da nação, e os jongueiros aonde vão?	UFSCar	Dissertação	Sociologia
4	2010	BRESCHIGIARI, Juliana Oliveira	Transmissão e transformação da cultura popular: a experiência do grupo de jongo do tamandaré (Guaratingueta)	USP	Dissertação	Psicologia Escolar
5	2010	PENTEADO,	Uma trilha	UNICAMP	Tese	Filosofia e

		Wilson Rogerio	inatingível: olhares sobre o jongo no espetáculo da brasilidade			Ciências Humanas
6	2011	FALCÃO, Andréa Rizzotto	Novas demandas, outros desafios: estudo sobre a implementação da política do patrimônio imaterial no Brasil e seus desdobramentos no processo de inventário, registro e salvaguarda do Jongo	UERJ	Tese	Ciências Sociais
7	2011	QUEIROZ, Vitor	Olha só, ô meu tambú, como chor o candongueiro: as estrelas e os toques tradição no jongo de Guaratinguetá e Campinas (SP)	UNICAMP	Dissertação	Historia
8	2013	RODRIGUES, Luiz Rufino Jr.	Ah, meu filho, o Jongo tem sua mumunhas!: um estudo com os	UERJ	Dissertação	Educação

			jongueiros e suas narrativas			
9	2013	ANDRADE, Patricia Gomes Rufino	Olhares sobre o Jongo e Caxambu: processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileira	UFES	Tese	Educação
10	2015	SOUSA, Aline Oliveira de	Tia Maria do Jongo: memórias que ressignificam identidades das atuais lideranças jongueiras do grupo Jongo da Serrinha	USP	Dissertação	Estudos Culturais
11	2015	CRUZ, Luiz Paulo Alves	O Jongo e o Moçambique no Vale Paraíba (1998-2014): cultura, prática e representação	PUC-SP	Dissertação	História
12	2017	SIQUEIRA, Jane Seviriano	Se o mestre não tiver firmação ele vai a nado: o Jongo de São Bartolomeu no norte capixaba	UFES	Dissertação	Ciências Sociais
13	2017	RANGEL,	No movimento	UFES	Dissertação	Educação

		Gleisiele Saraiva	do Jongo: a educação física e as relações étnico raciais na escola			
14	2018	FERREIRA, Beatriz Santana	Saravá Dito Ribeiro: memórias e salvaguarda do jongo em Campinas	UNICAMP	Dissertação	História

Tabela 2 Tabela produzida a partir do resultado da pesquisa sobre Jongo

Ao finalizar o levantamento dos dados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, optamos por aprofundar os estudos de três pesquisas encontradas no levantamento que foi realizado. Organizamos em três distintas tabelas com seus respectivos resumos.

Autor	Título	Nível	Instituição	Área
SILVA, Lucas Bento.	<i>A dinâmica de construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó) Salto de Pirapora-SP</i>	Dissertação	UNESP	Desenvolvimento Territorial na América Latina
Este estudo tem como objetivo a contextualização da luta pela terra, tomando como referência a dinâmica da construção da identidade e da territorialidade do Quilombo Cafundó Salto de Pirapora - SP. A formação histórica do território do Quilombo Cafundó, no âmbito das comunidades tradicionais, é reflexo das disputas e conflitos territoriais que configuram uma luta intensa por terra e por território. Tais conflitos no Quilombo Cafundó são vivenciados entre posseiros, grileiros, empresas privadas, Estado e os quilombolas. A construção do território étnico exigiu dos quilombolas a reinvenção política do seu modo de vida, construindo experiências que se				

Tabela 3 Tabela com resumo da pesquisa identificada

contrapõem ao modelo capitalista de monocultura, concentração fundiária e degradação ambiental. Homens e mulheres buscam possibilidades de resistência social e cultural à lógica de exploração dos recursos naturais existentes na área. A problemática racial no Brasil relegou aos negros lugares sociais marginalizados, onde a luta pelos seus direitos configura também um campo de batalhas. A abordagem sobre o processo de formação territorial do Cafundó parte da concepção geográfica de território, não apenas do ponto de vista de sua materialidade econômica, mas inclui também sua constituição identitária. A relação identidade e território é apontada na pesquisa como ponto fundamental para a compreensão da luta pela terra no caso estudado. Estudamos as características dos impactos no meio ambiente em uma das quatro áreas pesquisadas, cujos os impactos não são só ambientais, mas socioambientais, devido aos empreendimentos estruturais nos mananciais que tinham que eram usados para abastecer as famílias do Cafundó que na atualidade estão secando. O método utilizado constitui-se na abordagem materialista e dialética da história, que materializou-se a partir do trabalho de campo e da revisão bibliográfica, baseado em história oral, que auxiliou na reconstrução das histórias de vida das famílias do Cafundó, além do entendimento da configuração atual do território.

Autor	Título	Nível	Instituição	Área
RODRIGUE, Luiz Rufino Jr.	<i>“Ah, meu filho o Jongo tem suas mumunhas!: um estudo com os jongueiros e suas narrativas”</i>	Tese	UFRJ	Educação

Este estudo tem como proposta pensar questões acerca das narrativas, das identidades e das produções de conhecimentos na afro diáspora, tendo como foco os processos que se dão na prática cultural do jongo. Compreendo que as populações afro diaspóricas historicamente sofreram e sofrem com as violências cometidas pelo empreendimento colonial. O colonialismo instaurou regimes de verdades propagando perspectiva única sobre a história. Assim, a narrativa que prevalece sobre as populações negras é as que os representam sobre a condição de subalternidade. Ao elegermos o jongo- prática cultural significada pelas populações afro diaspóricas em diferentes tempos/espacos cotidianos- e ao nos colocarmos em um lugar de escuta atenta, visibilizamos outras narrativas, imagens e conhecimentos que confrontam e desestabilizam a perspectiva

hegemônica divulgada pelo colonialismo. Este trabalho propõe pensar o jongo não como historicamente foi representado pelas tradições colonialista, mas busca ampliar a compressão sobre essa cultura como outras possibilidades de pensar o mundo, outras bases explicativas e epistemológicas.

Tabela 4 Tabela com resumo da pesquisa identificada

Autor	Título	Nível	Instituição	Área
ANDRADE, Patricia Gomes Rufino.	<i>“Olhares sobre o Jongo e Caxambu: processos educativos nas práticas religiosas”</i>	Tese	UFES	Educação
<p>Este estudo foi elaborado a partir da proposta de fortalecimento das relações comunitárias entre a Universidade Federal do Espírito Santo e as comunidades jongueiras e caxambuzeiras. Destina-se a apresentar a pesquisa realizada em territórios negros sob a inspiração do Jongo e do Caxambu, reconhecidos como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A pesquisa foi desenvolvida no norte do Estado do Espírito Santo e tem como recurso analítico e conceitual estudos sobre etnicidade no campo da educação. Sua proposta é ampliar e constituir-se como base para a implementação da Lei nº. 10.639/2003, considerando a descrição das categorias religiosidade, territorialidade, memórias, cultura negra, cultura popular e tradição, com base nas narrativas dos sujeitos. Relaciona as práticas culturais do jongo e do caxambu como elementos importantes para a reconstrução da história do negro no Sudeste brasileiro. O tema de investigação foi construído sob a inspiração teórica dos estudos culturais referenciados em Stuart Hall (2008), Canclini (1997), Santos (2008, 2009), Certeau (2005) e na produção simbólica das interpretações sociais, das fronteiras étnicas para descrever as diferenças percebidas pelos sujeitos. Trabalhou-se basicamente propondo as múltiplas interpretações a partir do vivido. O estudo reforça a importância das africanidades na formação de professores e a discussão do Patrimônio Imaterial do Jongo como possibilidades de saberes-fazeres no campo do currículo escolar. Os caminhos da pesquisa partem de uma base etnográfica, conjugando a metodologia da história oral temática com a pesquisa participante e a pesquisa ação, interligando as memórias dos sujeitos, suas narrativas e vivências ao fazer pedagógico no cotidiano das comunidades. Ressalta a relação intercultural e territorial que identifica jongueiros e</p>				

caxambuzeiros. Os resultados da pesquisa descrevem as condições dessas práticas, da visibilidade das políticas culturais, da produção das identidades jongueiras no norte do Estado do Espírito Santo, sob o ponto de vista dos sujeitos elencados.

Tabela 5 Tabela com resumo da pesquisa identificada

Patrícia G. F. Andrade (2013) desenvolve em sua pesquisa do Doutorado “*Olhares sobre o Jongos e Caxambu: processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileiras*” no norte do Espírito Santo. Fizeram parte do processo da pesquisa ao todo oito comunidades de Jongo e Caxambu. A pesquisadora se baseou na metodologia da história oral unindo a pesquisa participante e pesquisa ação. A escolha pela história oral é inspirada pela percepção de que a oralidade se faz presente nas comunidades jongueiras. Da mesma forma que Luiz R. R. Júnior (2013) em sua pesquisa de dissertação “*Ah, meu filho o Jongo tem suas mumunhas!: um estudo com os jongueiros e suas narrativas*” também traz em seu estudo as narrativas de jongueiros e jongueiras da Serrinha. São falas que compõe e constrói o desenho do texto da pesquisa. Ambas pesquisas criam um diálogo entre as vozes dos sujeitos da pesquisa e os pesquisadores.

“Os dados produzidos são mediados pelo olhar desta pesquisadora, que não se exige da participação, pois, para narrar, necessito viver a emoção” (ANDRADE 2013 p. 44). Ler as duas obras, impulsionou a coragem em assumir o posicionamento de que esta pesquisa em questão é criação da pesquisadora que vos escreve mas também e tão importante quanto, é criação dos sujeitos de encontro do Cafundó “e de mais alguém, o Tempo o verdadeiro grande alquimista aquele que realmente transforma tudo”.¹⁸

Patrícia G. F. Andrade olhando para os Jongos e Caxambu do estado do Espírito Santo Nordeste do país e por outro lado Luís R. Rodrigues Jr olhando a comunidade do Jongo da Serrinha no Rio de Janeiro, embora regiões diferentes, o Jongo é percebido por ambos, como marca de fortalecimento da comunidade, afirmando suas raízes ancestrais e em oposição ao racismo criando resistências de modo poético.

Já o trabalho de pesquisa que resultou na dissertação de mestrado de Lucas Bento Silva “*A dinâmica de construção da identidade e do território no Quilombo Cafundó Salto de Pirapora-SP*” foi referência fundamental para conhecer os processos pela luta na conquista da terra do Cafundó. Lucas Bento acompanhou a comunidade durante os

¹⁸ Introdução música lansã Gilberto Gil apresentado em 1973 show na POLI USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q03QjHyDyMw>

dois anos da pesquisa, sua relação com o Cafundó foi de tamanho prestígio que foi o primeiro trabalho que dona Regina me indicou para iniciar os estudos desta pesquisa.

Outra frente de estudo está sendo aberta com a proposta desta pesquisa, já que não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico na pesquisa realizada nas plataformas de divulgação e disseminação de pesquisa, o tema proposta aqui, tangencia os temas das pesquisas elencadas no levantamento bibliográfico. Que segue por sua “originalidade” em propor dialogar com as potências e o reencontro do Jongo no Quilombo Cafundó.

3. QUILOMBO CAFUNDÓ E AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Trabalhei, suei, sangrei

Do cativo e das correntes com fé eu me libertei

Corri na mata, pé descalço estrela guia

Vou encontrar Palmares e ver nascer o novo dia (Ponto de Jongo Dito Ribeiro)

Ô Senzaleiro, não prende no caderno a minha história

Ela corre livre na memória! (Ponto de Jongo Dito Ribeiro)

Para versar a cantiga dessa História que é também Estória, as palavras, imagens e o saber versado em ponto de Jongo, farão parte da grande tessitura sobre o quilombo Cafundó. Não de forma linear, a história será contada conforme o movimento da memória e dos encontros que despertam os saberes.



Figura 20 Chegada no quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019

Ao Caminhar pela estrada de terra que dá acesso à comunidade quilombola Cafundó, já é possível sentir outros ares diferente da “cidade”. A imagem capturada desenha o que os olhos podem ver ao fazer a última curva na estrada de terra a caminho do quilombo. Localizado no município de Salto de Pirapora a exatamente 12 km do centro da cidade, que integra os municípios da região administrativa de Sorocaba a 150 km de distância da cidade de São Paulo.



Figura 21 Capela de portas pra comunidade. Acervo pessoal. 2020

A capela, primeira construção que é vista na entrada do quilombo, é construída de costa para a entrada do quilombo e com a porta virada para dentro da comunidade.

Quando a capela foi erguida, ainda com vó Ifigênia fizeram assim pra proteger a gente do quilombo (Jovenil)

Jovenil e Marcos contam que a capela tem importante significado para a proteção da comunidade, exatamente por isso foi construída com as portas abertas para o quilombo. Ali, além dos andores de São Benedito e Nossa Senhora e as imagens de santos e Orixás, era lugar que dona Cida, benzedeira conhecida no quilombo e por muitas pessoas fora do quilombo, fazia suas rezas e benzimentos.

*Adorei as Almas!
A benção meu vovô
A benção minha Vovó*

*A benção meu vovô
A benção minha vovó
Eu canto e sigo
Porque sei que não estou só
(Ponto de Jongo criado por Cíntia quilombo Cafundó)*

Vinha bastante gente de fora e ela [Dona Cida] ela benzia, ela era muito ouvinte, você vinha com seu problema e ela passava calma, ela sempre teve uma fé tremenda, acendia uma vela, e falava pra rezar pro anjo da guarda que vai da tudo certo. Ela passava sempre pensamentos positivos, desde pequena pra gente e pra quem vinha pedir pra ela benzer. Tudo que ela deixou de ensinamento é vivo, é uma memória viva. Com coração maravilhoso, era daquela pessoa que o mundo podia ta desabando mas ela estava com a calma dela com a fé dela, estava sempre pronta pra ajudar. Sempre fazendo bastante comida pra quem chegava, sempre pensando no outro que podia chegar com alguma dificuldade pra ela poder ajudar, sempre mais se doando do que as vezes cuidando dela própria. Sempre falando que se alguém não gosta de você, sempre ensinando a pedir por ela, para o coração dela possa melhorar. Ela me passava muito a questão do respeito com a outra pessoa, sempre disposta a ajudar. As vezes num dia assim comum igual os outros, sempre vinham pessoas aqui, não tinha horário, chegava e era muita gente, ela pedia pra pessoa deixar um relato pra quando ela fosse acender a vela dela ela ia colocar o pedido ali na capela pra pedir pelo pedido da pessoa, mas ela não sabia ler e escrever, então eu era bem pequena e ela me pedia pra escrever pra ela. Ela vinha me relatar o que podia ser relatado e eu escrevia pra ela, quando ia acender a vela na capela ela deixava o pedido lá e rezava, rezava pra resolver aquele problema daquela pessoa que veio pedir ajuda. Ela não era assim, vou cobrar tanto! A pessoa vinha por ela pra agradecer. (Lucilene)

A capela é lembrada por sua filha, Lucileine, como lugar de fé, lugar de ajudar a outra pessoa e a si mesma. Ainda hoje, mesmo sem a presença da Dona Cida Benzedeira, a capela azul no Cafundó, é o local de respeito ancestral. Além da capela, No Cafundó onde hoje fica a biblioteca, por volta de 30 anos era uma construção onde funcionava um terreiro que acabou sendo desativado com o falecimento dos mais velhos moradores do Cafundó que cuidavam o espaço. *Me lembro do chão cheio de folhas e no fundo onde fica as estantes dos livros era o congá (Lucilene)*. Siqueira nos ajuda a pensar o Terreiro de forma ampla como

[...] um espaço social, mítico, simbólico, onde a natureza e os seres humanos se unem para viver uma realidade diferente daquela que o cotidiano ou a sociedade lhes apresenta como o real, na qual as pessoas que o constituem acreditam. É o espaço onde o mito e o rito fazem parte da própria vida das pessoas que dele participam. (SIQUEIRA, 1998 p.173)

O relato da Lucileine sobre sua mãe Dona Cida benzedeira que se dispunha a ajudar as pessoas com sua fé e sua energia vital nos mostra mais uma forma de subversão ao sistema colonial escravagista que em parte é reatualizado no sistema capitalista de produção que induz desdobramentos baseados na competitividade, na individualidade, na morte da esperança e fé. Podemos dizer então, que como proposto por NASCIMENTO, o Quilombo como lugar de reinvenção da vida escravagista organizando formas “sociopolítico-econômica própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (1980 p. 32).” Dona Cida é neste relato a representação de uma resistência cultural por meio da sua crença e espiritualidade, assentada no quilombo Cafundó e que esta presente na memória.

A capela além de ser símbolo ligado à espiritualidade¹⁹ é também lugar/espaço/tempo que marca o início da festividade da Santa Cruz que ocorre fielmente no mês de maio, em 2019 chegou à sua centésima quarta edição que relataremos mais adiante.

De frente para a capela se encontra o barracão da associação quilombolas Cafundó. Uma construção simples com entradas para banheiro e pia, onde os batuques acontecem, e lugar também de reunir os moradores do quilombo quando é dia de assembleia. Mesmo lugar em que em tempos outrora os antigos se encontravam para batucar.

Fazer uma roda um batuque no mesmo lugar em que faziam antes, a gente consegue vivenciar essa energia, vivenciar o que os avós faziam, importante pra gente é poder vivenciar. Não só aleatoriamente. (Júnior)

19 É importante que fique evidente que quando falamos de espiritualidade não estamos nos referindo a religião que possui seus dogmas e rituais específicos. Já a espiritualidade não é algo que possa ser intitucionalizado, é pessoal e interior de cada sujeito.



Figura 22 Turi Vimba, Acervo pessoal. 2019



Figura 23 Associação Quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019

Ainda na entrada do Cafundó, lado esquerdo do barracão da Associação dos moradores do Cafundó, se encontra a estrutura das barracas que são montadas no dia da Festa da Santa Cruz todo ano no mês de Maio.



Figura 24 Armação das barracas para festa da Santa Cruz. Acervo pessoal. 2019



Figura 25 Atrás das barracas. Cervo pessoal 2019



Figura 26 Fundo das barracas. Acervo pessoal 2019

Atrás das barracas, existe o barracão com os computadores, Dona Regina conta que os computadores fizeram parte do trabalho da Rede Mocambos – projeto da Casa de Cultura Tainã, localizada na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, que desenvolve projetos voltados à “preservação do patrimônio histórico e memória em ares de quilombos, com o objetivo de fortalecer a identidade cultural e as lutas políticas.” (SILVA, 2010 p.55). O lugar é o único local com acesso a internet, por vezes é possível observar o encontro de moradores inclusive jovens e crianças que ficam aos arredores do barracão pra acessar o wifi pelo celular.



Figura 27 Barracão computadores. Acervo pessoal. 2019

A casa construída de barro, foi refeita na intenção de deixar como ponto referência para as produções dos artesanatos feitos por moradores do Cafundó. Dentre os artesanatos, dona Regina faz as bonecas Abayomi, Lucileine confecciona camisas com estampas bordadas a mão, Amanda faz tintura natural em blusas e bolsas, e, recentemente, iniciaram o projeto de confecção de agbês, instrumento feito com cabaça e miçangas.

Todos os produtos são parte da renda de quem produz e sempre estão em exposição nas feiras que o Cafundó é convidado a participar.



Figura 28 Construção de casa de barro. Acervo pessoal. 2019

Outra importante fonte de renda que vem sendo cada vez mais desenvolvida entre os moradores é a agricultura. Cada morador tem direito a uma parte das terras para plantar, a venda pode ser feita individualmente, mas é de consenso dos moradores a venda feita semanalmente em formato de cesta de produtos orgânicos. Alex, morador de Cafundó e agricultor, é quem fica responsável por levar os alimentos até o ponto de entrega que fica em Sorocaba sempre às quintas-feiras. A lista de pedidos é feito via documento online, e passa por triagem para organizar pedido por pedido durante o início da semana.

A volta ao trabalho na terra possibilita aos moradores do Cafundó a garantia do sustento familiar sem a necessidade de sair do quilombo em busca de empregos nas cidades próximas. A busca pela garantia da sobrevivência com o trabalho na terra ao qual pertence aos quilombolas do Cafundó.



Figura 29 Caminhos da plantação. Acervo pessoal. 2019



Figura 30 Caminhos da plantação 2. Acervo pessoal. 2019



Figura 31 Plantação de alface. Acervo pessoal. 2019



Figura 32 Estufas. Acervo pessoal. 2019

São muitas as formas de interpretar e compreender o que é nomeado como Quilombo. No Brasil a primeira definição oficial foi dada pelo Rei de Portugal ao Conselho Ultramarino, datada de 02 de dezembro de 1740, que definiu os quilombos como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoadas, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (MOURA 1993, p.11).

Durante a história, perdurou a relação de quilombo como lugar de negros fugidos, concepção esta definida de forma equivocada e tanto quanto preconceituosa. Presente no imaginário social, esta definição torna-se base na produção de pesquisas atuais e livros didáticos, que remete ao quilombo como apenas o lugar de fuga dos escravizados. Escritas contemporâneas que por sua vez carregam o discurso repleto de análises estereotipadas do “transcurso da história e formação social e histórica, que está contaminada no subconsciente por uma ideologia do colonizador” (MOURA, 1981, pág.10), sendo por sua vez produções epistemológicas produzidas sob a lente do colonizador. Neste trabalho esforçaremos para tirar a lente do “colonizador” e buscaremos por definições outras de quilombo, sobretudo que exalte a complexidade e a resistência do território quilombola e seus sujeitos.

A história “oficial” ao tentar colocar os homens e mulheres negras escravizados como seres passivos durante o período colonial se torna equivocada e racista pois “o escravo não era apenas coisa, de acordo com do tempo, se assim fosse não haveria outra dinâmica social durante o regime escravista além daquela que as outras classes e camadas” (MOURA, 1981, p.08).

Na contramão da inferiorização da negritude quilombola, Abdias do Nascimento nos faz repensar o quilombo:

Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusaram à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sociopolítico-econômica própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p. 32).

As formas de resistência ao colonialismo foram diversas, militarização, revoltas, insurreições, tratados de paz com as premissas evidenciadas, e fortemente a criação e consolidação dos quilombos, que formavam territórios complexos desenvolvendo a própria economia e o próprio sistema organizacional. (MOURA, 1981).

O Quilombo passou a ser visto e estudado como lugar em que, se produzia uma outra forma de vida paralela ao sistema escravagista no momento histórico de criação dos diversos quilombos. Passou a ser exemplo para se compreender formas de organização política, econômica, social e agrícola. Pesquisadores como Clóvis Moura e Beatriz Nascimento trazem bem essa vertente de estudo.

No Brasil foram diversos os quilombos criados de Norte a Sul. O de maior evidência, sem dúvida, foi o quilombo de Palmares localizado na Serra da Barriga contrariando e subvertendo o funcionamento econômico e político vigente na época escravocrata.

Os quilombolas, ao repudiar o sistema latifundiário dos sesmeiros, adotam a forma do uso útil de pequenos tratos, roçados, base econômica da família livre; que o excedente da produção era dado ao Estado, como contribuição para a riqueza social e defesa do sistema; que a solidariedade e a cooperação eram praticadas desde o início dos quilombos que deve remontar ao princípio do século XVII; que a sociedade livre era regida por leis consagradas pelos usos e costumes; que não existiam vadios nem explorados nos quilombos, mas sim, uma ativa fiscalização como sói acontecer nas sociedades que se foram no meio de lutas, contra formas ultrapassadas de relações de produção; que em 1697, já existiam, nascidos e crescidos, habituados aquele sistema, nos quilombos, três gerações de brasileiros natos, somando provavelmente a população de

dezesseis aldeamentos para mais de vinte mil indivíduos (MOURA, 1993 p.38 e 39).

Essa passagem do livro de Clóvis Moura nos remete a grandiosidade de um quilombo específico, Palmares como ficou conhecido, no entanto não foi o único na sua existência, e o que mais nos importa é que, em certa medida, a formação quilombola está presente ainda hoje nos quilombos, seja ele quilombo urbano, ou quilombos rurais, como é o caso do quilombo Cafundó.

Hoje no Brasil de acordo com os dados utilizados na Portaria nº 138 de 02/08/2019 da Fundação Palmares²⁰ existem 3.386 comunidades quilombolas na extensão territorial do Brasil, e dessas comunidades apenas 193 quilombos possuem a demarcação de terra, com a posse oficial da terra emitida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Essa lentidão do processo de demarcação de terra é preocupação constante das comunidades Quilombolas.

20 Informações retiradas da Portaria nº138 de 02/08/2019 disponível no site da Fundação Palmares <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-02-08-2019.pdf>. Acesso em Agosto de 2019

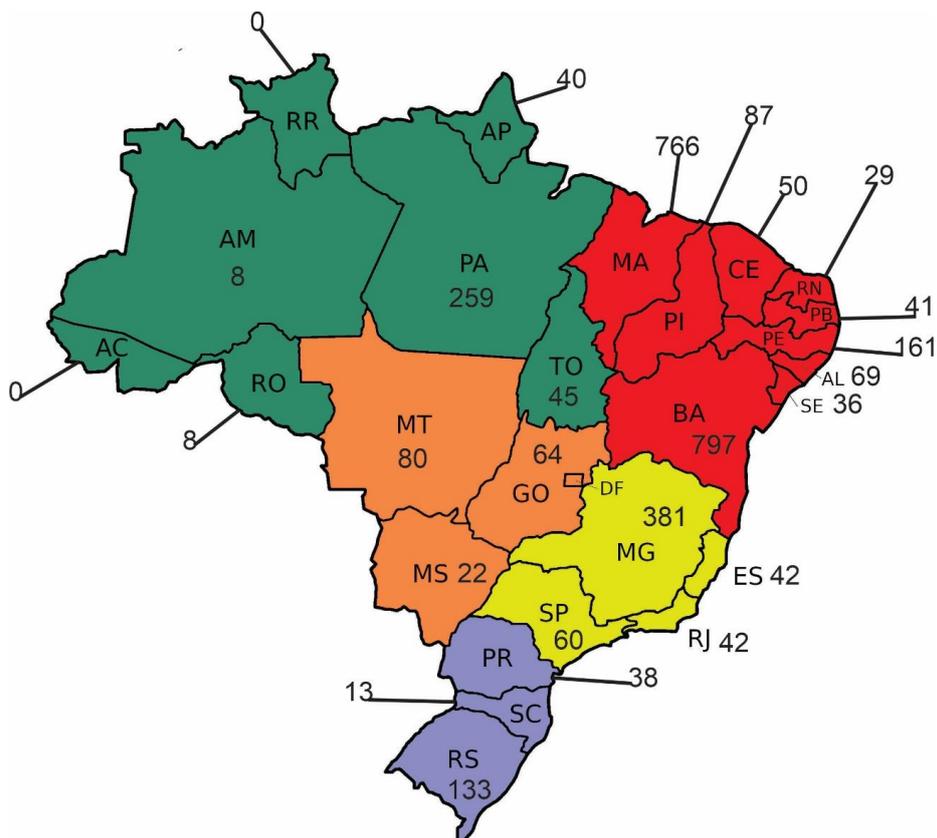


Figura 33 Divisão geopolítica do Brasil e quantidade de quilombos. Produção própria. Informações disponível na Fundação Palmares²¹

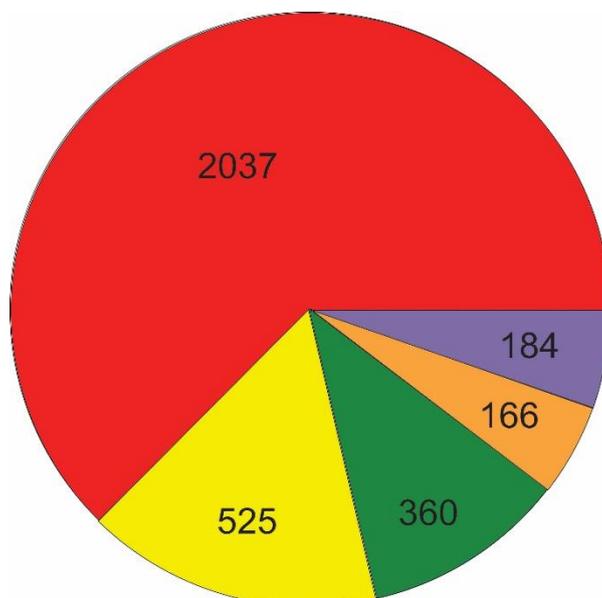


Figura 34 Gráfico quantidade de quilombos nas regiões

21 Informações no site da Fundação Palmares http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551. Acesso em Agosto de 2019.

*“Pisei na pedra a pedra balanceou
Levanta Jongueiro o cativo se acabou
(Ponto tradicional de jongo)*

O Cafundó possui originalmente o território de 219,45 hectares, onde residem atualmente 24 famílias. “Antes de obterem a posse da área repassada pelo INCRA, a área ocupada pelos moradores do quilombo era de menos de 21 hectares” (INCRA, 1999, p.3). As terras têm a origem pela doação feita em meados do século XIX as duas irmãs Ifigênia e Antônia, matriarcas do quilombo Cafundó, que estão na origem das duas parentelas que dividem a comunidade nos dias atuais a da Almeida Caetano e os Pires Pedroso .

Antônia nasceu por volta de 1893, teve dois filhos com seu Joaquim Leme de Campos e, após se tornar livre, casou-se com Joaquim Pires Pedroso, descendente de escravo, nascido livre, Ifigênia se casou com Caetano Manoel de Oliveira, que pertencia à comunidade de Caxambu, quilombo vizinho a Cafundó. (COSTA, 2015, p.4).

O Cafundó existe desde 1822 e em 1978 foi anunciado pela mídia aparecendo numa notícia publicada no jornal *Cruzeiro do Sul de Sorocaba* intitulada “*Salto de Pirapora: descendentes de escravos deixam o isolamento*”. Após esse momento de visibilidade nacional o Cafundó tornou-se alvo de interesse no universo das pesquisas acadêmicas e também nos meios de comunicação. A primeira pesquisa acadêmica desenvolvida no Cafundó foi realizada por pesquisadores da UNICAMP, registrada no campo da linguística,²² preocupados em descrever e sintetizar o esquema linguístico da língua Cupópia, falada hoje por poucos moradores do quilombo Cafundó. No entanto, é comum ouvir dos moradores do Cafundó questionamentos sobre a devolutiva do trabalho que não foi realizado, e de alguns moradores como o Senhor Marcos o receio na chegada de pesquisadores tendo como memória a relação conflituosa dos processos de pesquisas ali até então realizados. Chamamos atenção neste momento para a importância de refletir sobre o papel da pesquisa e de quem pesquisa, sobre os posicionamentos tomados neste processo, e que se relaciona com a concepção que se têm sobre a pesquisa e seu

22 VOGT, C; FRY, P. **Cafundó a África no Brasil**. Linguagem e sociedade. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.

desenvolvimento, para quê e para quem serve a pesquisa e o se fazer pesquisa.

Na década de 1970 inicia-se legalmente a luta pelo direito à terra quando uma ação de usucapião, foi movida por uma antiga liderança, Otávio Caetano, em 1972. Falante da língua Cupópia e considerado liderança da comunidade. A disputa pelas terras do Quilombo passam por questões de grilagem entre os fazendeiros localizados na região das terras quilombolas, levando a uma relação por vezes violenta. Como foi o caso da morte de um dos moradores do quilombo Cafundó na década de 1970. “O assassinato de Benedito Norberto Rosa de Almeida, foi planejado por Francisco Ortiz, um dos usurpadores das terras em questão” (RELATÓRIO TÉCNICO CIENTÍFICO, 1999, p. 33). O conflito e violência se apresentam como uma expressão de intimidação para continuar a grilagem sistemática na área.

O conflito e a violência sofrida pelos moradores do Cafundó, até os dias atuais, reforçam a urgência da garantia da posse da terra para os moradores do Quilombo, que só em 2015 a comunidade recebeu do INCRA o Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU) referente a três glebas do seu território. O documento, emitido pelo INCRA, garante a posse do imóvel até a homologação da decisão judicial para a titulação definitiva, “uma das concessões é de novembro de 2015, referente às glebas ‘A’ e ‘C’. A primeira tem 19,4 hectares (onde moram os quilombolas) e a segunda conta com 32,2 hectares. A maior delas - Gleba D - tem 122 hectares e foi desapropriada pelo INCRA em 2012, quando também foi concedido o Certificado de Concessão de Direitos Reais de Uso (CCDRU). A área total do território, reconhecido por portaria de 2006, é de 218 hectares.” (INCRA) . Até o momento a comunidade ainda aguarda a escritura definitiva pela posse das terras.

Foi diante da luta pela titulação das terras do quilombo Cafundó, que iniciou-se o processo de redescoberta e salvaguarda da cultura existente no Cafundó.

Acompanhei de perto essa transformação de 2012 a 2015 e retornei em 2018. Neste tempo presenciei a reorganização da comunidade para a criação da Associação Cultural do Quilombo Cafundó, e, desde sua criação, o intensivo movimento de mobilização da comunidade.

3.1 A festa da Santa Cruz e sua potência de vida

As preparações para a festa são iniciadas aproximadamente um mês antes, para que tudo seja feito conforme a tradição: fogueira, levantamento do mastro, enfeites da capela, rojão, etc. Tudo construído a partir da soma de forças vindos da coletividade de moradores e não moradores do quilombo.

Enquanto um grupo recorta bandeirinhas, outros enfeitam a capela e demais espaços, outro grupo se reúne para adentrar na plantação de eucalipto, localizada no próprio quilombo, para recolher matéria para a confecção do novo mastro. Tradicionalmente, no dia da celebração, ao meio-dia, ocorre a troca do mastro do ano anterior por um novo mastro que ostentará o nome das santidades homenageadas na festa: Nossa Senhora Aparecida e São Benedito. A troca do mastro acontece em meio às salvas de rojão, enquanto guarda-se o antigo mastro e suspende o novo. Da mesma plantação também é retirada a matéria-prima utilizada na construção da estrutura das barraquinhas que vendem comidas e bebidas. Já para a montagem da fogueira são utilizadas madeiras mais velhas, geralmente provindas de árvores que caíram ou foram podadas.



Figura 35 Mastro da Santa Cruz 2018. Acervo quilombo Cafundó



Figura 36 Mastro sendo carregado pelos homens na Festa de Santa Cruz de 2018. Acervo Pessoal

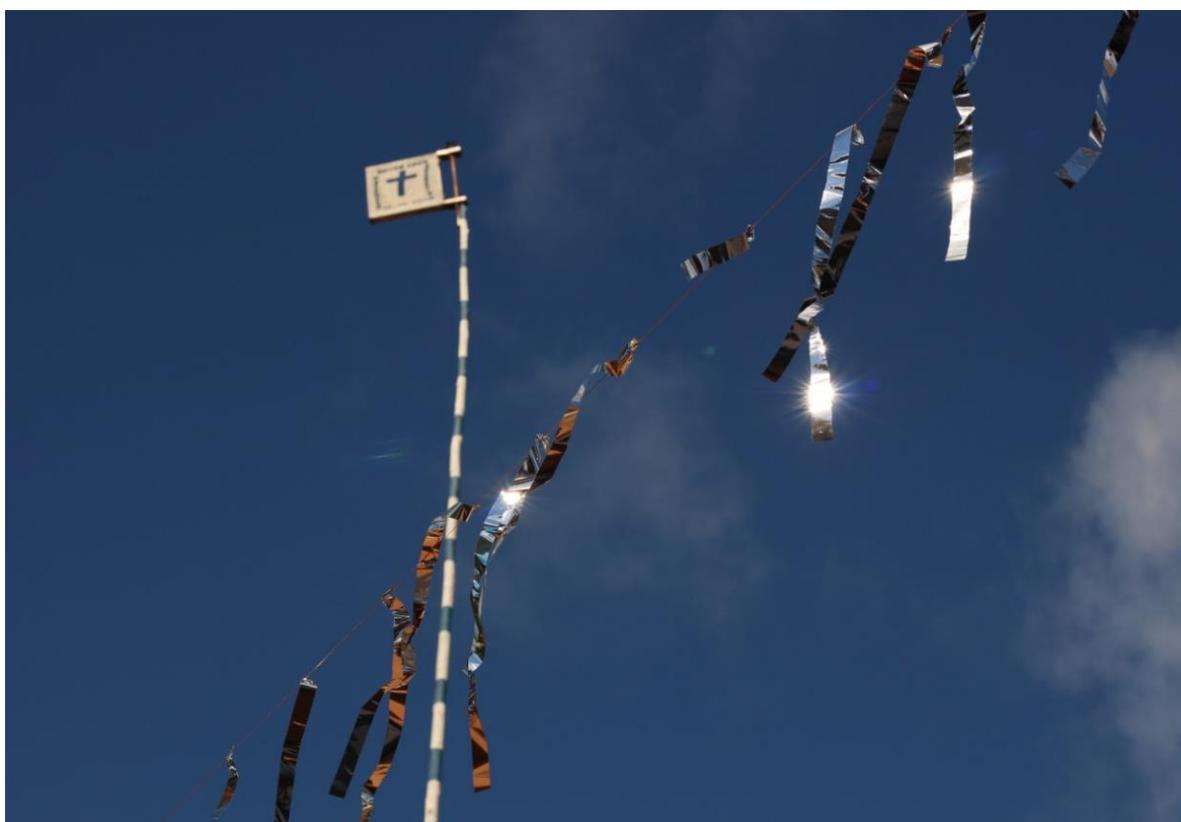


Figura 37 Do alto o novo mastro abençoando e protegendo o Cafundó. Acervo pessoal.

O ápice da celebração é quando os santos homenageados são carregados nos andores em procissão seguidos pelos devotos entoando cânticos de Jongo e orações. Tradicionalmente, nessa comunidade, o primeiro andor a sair é o de São Benedito, mas, como contam os moradores, certa vez o primeiro andor que saiu foi o de Nossa Senhora e, algum tempo depois, a comunidade foi acometida por uma tempestade cujos ventos fizeram grandes estragos. Ao fenômeno natural foi atribuída a consequência de quebra da tradição, sendo tal fato lembrado nas brincadeiras de Jongo a fim de evitar que ocorram novamente. A partir de tal acontecimento os moradores do quilombo criaram um ponto de Jongo que é cantado até os dias de hoje nas festas da comunidade

*“Eu já falei e tenho dito
Eu já falei e tenho dito
Na hora da procissão
Primeiro é São Benedito
Na hora da procissão
Primeiro é são Benedito*



Figura 38 Cíntia, Gabriela e os tambores na Festa da Santa Cruz. Acervo pessoal. 2018



Figura 39 Dentro da Capela os santos e orixás. Acervo pessoal

Então, o andor que inicia o cortejo é o de São Benedito, Marcos, Jovenil e Júnior organizam o grupo que caminhará na procissão com o andor de São Benedito, enquanto Regina e Cíntia organizam o grupo que irá acompanhar o andor de Nossa Senhora. Os dois grupos seguem pelo mesmo caminho, separados por alguns metros de distância, ao passar nos arcos de bambu que enfeitam o caminho, são soltos rojões pelo andor de São Benedito que são prontamente respondidos por rojões do andor de Nossa Senhora Aparecida. O destino final do andor que está à frente é a Casa de Dona Judite por ser a mais velha moradora do quilombo Cafundó, onde o andor descansa por alguns instantes até que termine a oração do “Pai Nosso” e também uma “Ave-Maria”.

O retorno acontece da mesma forma até chegar de volta na capela, onde todos rezam o terço e as velas que iluminam a procissão são colocadas aos pés da cruz, de frente à capela.



Figura 40 Jovenil e Dona Regina na volta da procissão, 2018. Acervo pessoal.



Figura 41 A luz que ilumina, 2018. Acervo pessoal

Após a procissão todos se organizam para esperada roda de Jongo, geralmente acontece ao pé da fogueira e dura o tempo que as (os) jongueiras (os) aguentarem. Dona Regina abre a roda cantando ponto de licença, Marcos e Júnior tocam o tambu e candongueiro os demais tambores toca quem se sentir a vontade, homens, mulheres e crianças. “É nesses termos que a ‘festa que espanta a miséria’ torna-se culto da potência transgressora que dobra a escassez e o desencantamento produzido pelo colonialismo” (SIMAS & RUFINO, 2018, p.108).

3.2. O Turi Vimba e a requalificação do jongo no quilombo Cafundó

Andei, parei, custei mais no Jongo eu cheguei. Ô Danda abre a roda. Quem foi que disse, quem te falou, que no Cafundó não havia Jongueiro! (ponto de jongo)

No primeiro capítulo falamos de como cheguei no quilombo Cafundó e conheci o grupo Turi Vimba que em Cupópia significa “Terra de Negro”. Naquele momento as rodas que aconteciam tinham muitas pessoas de fora do quilombo, dançantes e tocadores, amigos que eram convidados e recebidos para compor o grupo. Alguns anos depois, o desenho da roda se modificou, os rostos e corpos de mulheres jovens do cafundó passaram a ser maioria no grupo. Mas o que foi que aconteceu? O que foi que se desenhou durante esses anos para a presença dos moradores do Cafundó ter se tornado forte? Essas são umas das perguntas que me motivaram e continuam motivando experienciar esse encontro com o Cafundó.

Para narrar essa história trago as vozes de quem está ali na lida, de quem está ali vivendo e experienciando as infinitas transformações, trago portanto as vozes das mulheres e homens do quilombo cafundó, mais específico, daquelas e daqueles que na roda de jongo a saia rodou, e no rodopio da saia a alegria se fez presente. Serão eles: Cíntia Delgado que coordena o grupo Turi Vimba, criada no quilombo Cafundó, hoje depois de casada mora no bairro próximo ao quilombo com suas filhas Gabriela, Clara e Gabriel e seu companheiro Antônio Júnior, nascido e criado no Cafundó juntos dialogam e convidam a juventude do quilombo Cafundó a estarem cada vez mais presente nos encontros e rodas de Jongo; Lucimari Aguiar jovem moradora do Cafundó, sobrinha de

Marcos Norberto Rosa e Jovenil Norberto Rosa, junto de sua mãe Lucimara Aguiar e seus irmãos Alex Aguiar e Amanda Aguiar produzem parte dos produtos orgânicos vendido pelo Cafundó nas feiras orgânicas. As lideranças Marcos Norberto Rosa chamado por seu Marcos, coordenador da Associação de Moradores do Cafundó, filho de Otávio Caetano, primeiro grande liderança no Cafundó, foi quem na década de 70 iniciou o processo de Usucapião dando início ao processo jurídico de conquista pelas terras. Jovenil Norberto Rosa irmão de Marcos, companheiro nas lutas pela terra e grande griô do Cafundó sendo responsável por ensinar o toque dos tambores para os mais novos. Regina Aparecida Almeida como costumamos chamá-la de dona Regina, desde 2003 se compromete com a luta da comunidade e permanece até os dias de hoje, casada com Marcos, é uma liderança quilombola reconhecida nacionalmente. São elas e eles os responsáveis por tamanho aprendizado relatado nesta pesquisa.

Seu Leonel contava que pra saber se o batuque estava bom, era quando a roda rodava rápido e forte até subir a terra do chão, daí ele falava: agora sim o batuque está bom. Então quanto mais a saia roda mais bonita fica a roda. (Cíntia)

O jongo possui suas origens atribuídas aos povos de estrutura linguística Bantu que foram escravizados e levados principalmente para as lavouras de cana-de-açúcar e café no sudeste do Brasil. As rodas de jongo além de ser um momento de celebração, servia também para combinar fugas, definir estratégias, caminhos, lançando mão de letras repletas de metáforas, de modo a confundir capatazes à espreita e evitando que seu planos fossem descobertos.

Jongo, dança de umbigada do período colonial. Homens e mulheres dançam. Dança ancestral no formato de roda. Que possui forte presença poética e política praticada pelos jongueiros que:

[...] através de seus cantos de encanto – por isso considerados poetas feiticeiros- dinamizaram através dos versos a presença dos ancestrais como fundamentação do tempo presente e da vida da comunidade, ao mesmo tempo em que lançaram também amarrações, contranarrativas transgressoras e demolidoras do sistema colonial. Assim, através da poesia enfeitada os jongueiros construíram um repertório de discursos afirmativos acerca das identidades afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que teceram uma trama de discursos descoloniais que projetavam fugas, alianças, rebeliões, pragas, feitiços e outras inúmeras formas de golpes operados nas festas do regime vigente (Rufino & Simas, 2018 p.108 e 109).

3.2.1 O corpo Jongueiro

A lógica colonial gerou durante séculos a dupla morte dos corpos forçosamente atravessados no transatlântico. Beatriz Nascimento (1989) ao discorrer sobre a corporeidade negra escreve que o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e afirma que a “perda da imagem” é o resultado desta relação desumana que atingia os escravizados

Na medida em que havia um intercâmbio entre mercadores e africanos, chefes, mercadores também, havia uma relação escravo/escravo como também de intercâmbio, uma chance. Essa troca era do nível do *soul*, da alma, do homem escravo. Ele troca com o outro a experiência do sofrer. A experiência da perda da imagem. A experiência do exílio. (1989 p. 66).

No entanto, este mesmo corpo que sofre com a desterritorialização e a “perda da imagem” busca formas de torna-se pessoa e não coisa.

O corpo objetificado, desencantado, como pretendido pelo colonialismo, dribla e golpeia a lógica dominante. A partir de suas potências, sabedorias encarnadas nos esquemas corporais, recriam-se mundos e encantam-se as mais variadas formas de vida. Essa dinâmica só é possível por meio do corpo, suporte de saber e memória, que os reinventa a vida e ressalta suas potências. (SIMAS;RUFINO, 2018, p.49).

Ao construir territórios de resistência, como o caso dos quilombos, ou potencializar o encontro e a alegria nas danças da cultura negra, ou então ao encantar o corpo nos espaços afro religiosos, estão driblando a lógica colonial e reinventando possibilidades para o corpo território que segundo Sodré

Todo indivíduo percebe o mundo e suas coisas a partir de si mesmo, de um campo que lhe é próprio e que se resume em última instância, a seu corpo. O corpo é lugar zero do campo perceptivo, é um limite a partir do que se define um outro, seja coisa ou pessoa (2005, p.68).

No Jongo ao firma-se na brincadeira, na alegria e também na prática performática do saber existente no Jongo e em todo o complexo cultural negro, este corpo/jongueiro/território risca no tempo/espaço da dança, contranarrativas hegemônicas, desta forma “o corpo é, assim, a pedra fundamental na invenção dos terreiros no Novo Mundo” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 50).



Figura 42 Corpos dançantes. Acervo pessoal 2015

3.2.2 A Roda

O Jongo é uma dança realizada em roda, seus participantes são compostos por pessoas da comunidade e convidados. As mulheres usam saia e o pisar no chão do terreiro sempre marcando o movimento rítmico composto pelo toque dos tambores e o bater das mãos em sintonia com o canto entoado. O convite para dançar em dupla no meio da roda pode ser feito com o olhar distante que se encontra com o outro parceiro em qualquer posição que estiver na roda, mas pode ser também, no pegar da mão em direção para o centro. Quando se quer dançar com alguém que já está dançando no centro da roda, a pessoa entra como o passo ligeiro e certo encaixando no mesmo passo do que estão dançando ao centro, de frente um para o outro, a terceira pessoa sai da dança e retorna para a roda. Assim segue o bailar, o girar da saia, o riso, o olhar, o encontro das jongueiras e jongueiros que encanta e faz a magia da alegria na roda de Jongo acontecer.



Figura 43 Roda de Jongo Turi Vimba realizado no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019



Figura 44 Cintia e Lourdes na roda de Jongo Turi Vimba realizada no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019

3.2.3 O Tambu

O tambor feito de madeira com aro de ferro para segurar a pele, possui significado importante na cultura negra africana e afro-brasileira, é a partir das vibrações sonoras que na religiosidade afro-brasileira é possível iniciar a ligação entre o mundo material e espiritual. No Jongo, lugar de cultura negra africana e afro-brasileira, sua função é além da criação da estrutura rítmica da dança, é também o livro e a mão que toca é a caneta que cria e recria os saberes ancestrais do mundo. “Foram eles que muitas vezes expressaram o que a palavra não podia dizer e contaram as histórias que os livros não poderiam contar e as línguas não poderiam exprimir” (SIMAS & RUFINO, 2018 p.58). O tambor é também produtor de narrativas corporais criadas por quem no diálogo profundo busca se manter atento e ouvir as histórias ressoadas na pele do tambor.

Por sua tamanha importância e fundamento, a roda só pode ser iniciada quando todos as jongueiras e jongueiros pedem a “benção” se curvando diante dos tambores presentes na roda.



Figura 45 Saudação aos tambores. Roda de Jongo Turi Vimba no SESC Sorocaba. Acervo pessoal. 2019



Figura 46 Tambores no quilombo Cafundó. Acervo pessoal. 2019

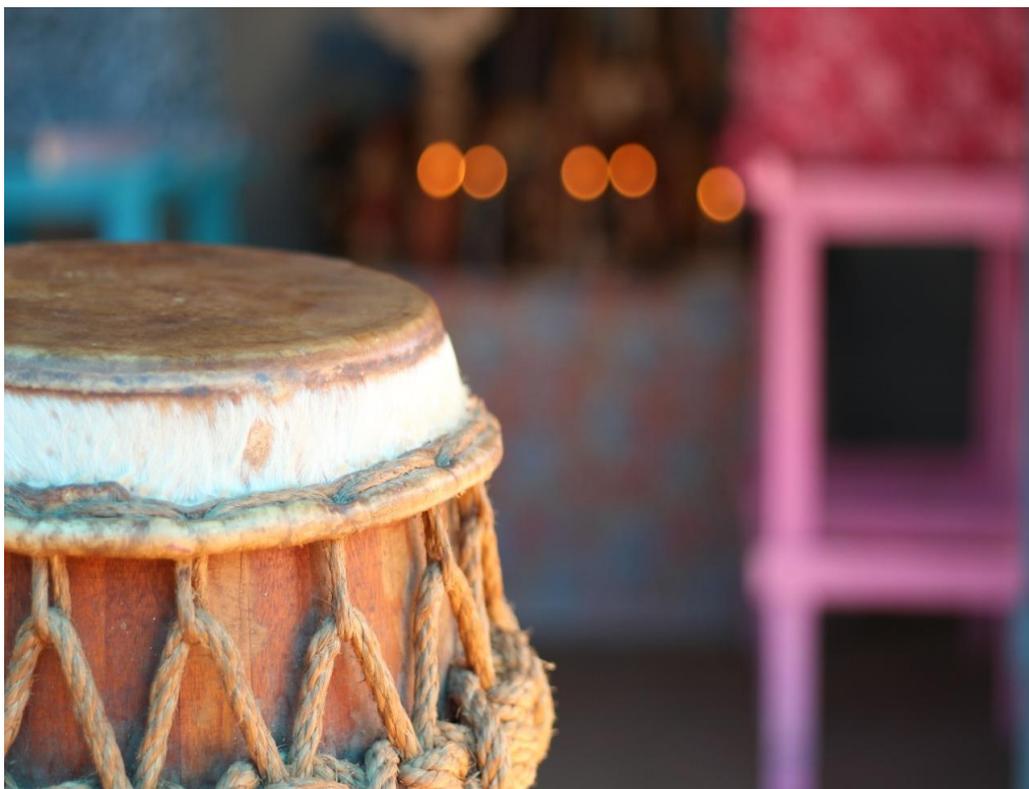


Figura 47 Tambor ao fundo da capela Cafundó. Acervo pessoal. 2019



Figura 48 Cíntia e o Tambu. Acervo quilombo Cafundó. 2017

3.2.4 O Canto

O canto no jongo pode ser criado para contar a vida vivida na comunidade, mas, também, pode ser na intensão do feitiço, chamamos de ponto de amarração. O canto do Jongo possui necessariamente conhecimento que existem na prática, geralmente quem canta o ponto do Jongo são os mais experientes no Jongo, exatamente por terem maior

experiência nos encantamentos do que é entoado. No Cafundó Dona Regina é quem sempre abre a roda de Jongo entoando o ponto

*Galo cantou
Lá na Angola
Anunciando o novo dia
Clareou
Clariou o novo dia
(ponto de jongo Cafundó)*

No grupo Turi Vimba do quilombo Cafundó, inicialmente eram cantados pontos de outras comunidades jogueiras como por exemplo

*Ai eu Fui na mata
Buscar a lenha
Eu passei na cachoeira
E molhei a Mão
Senhos da Pedreira
Benze essa fogueira
A linda fogueira
Ajudai todos irmãos*

(Ponto de Jongo versado em diversas comunidades jogueiras)

Com o movimento da comunidade, de cada vez mais se encontrar e fortalecer os laços entre os integrantes do grupo e moradores do quilombo, cantar ponto de Jongo se tornou lugar de criação e de aprender algo que é muito caro para o Cafundó, a Cupópia. *A roda que sempre fizemos é natural, é o momento que a gente tinha de muita alegria porque era onde a gente aprendia. Se você chegar hoje pro seu Jovenil, senta ai fala pra mim como que é a Cupópia, o que você fazia? Ele não vai te falar nada. A gente fazia de criança, e o seu Jovenil foi ensinar ó faz assim assim assado. Sim porque eles ensinam nas entrelinhas, na hora do trabalho, na hora que ta cozinhando, fazendo alguma coisa, ele ta ensinando a gente. Mas dele ensinar assim de fato, quinze anos depois só. Ó é assim que se faz! (Júnior)*

É possível observar pelo relato do Júnior a relação com o tempo que se ensina e que se aprende. Além do apreender algo relacionado ao Jongo e a Cupópia acontecer por vezes no momento da lida diária, *“nas entrelinhas, na hora do trabalho, na hora que ta cozinhando, fazendo alguma coisa, ele ta ensinando a gente”*

E o que a gente conseguiu, foi isso aqui! Juntar as famílias. A Fernanda tem a menininha, a coisa mais linda do mundo, a Indianara, eu vejo nela, em todas as crianças do quilombo. Mas eu vejo ali uma jongueira para o resto da vida. Por isso eu falo, o Jongo foi a melhor ferramenta que a gente conseguiu, ela adora dançar ela adora cantar, mas através do Jongo ela aprendeu algo muito mais importante pra gente, ela aprendeu a Cupópia. Ela já entende ela já sabe. A gente tem aí vivos seu Marcos, Jovenil, vô Leonel dona Lourdes, dona Judite, dona Márcia, ta acabando, e ai quem mais? Já ta acabando. Nossos griôs estão indo embora. E a gente ta ficando. As crianças que ficam. (Júnior)

A Cupópia é um dialeto, tem poucas expressões, então vai depender muito do que você quer dizer. As vezes o griô fala uma coisa, a gente escuta e guarda e dali pra frente vem o significado daquilo. (Lucimari)

Interessante observar sobre o ensinamento da Cupópia no momentos dos encontros da roda de Jongo. Crianças que ainda não são alfabetizadas, como é o caso da Indianara filha da Fernanda de 5 anos citada pelo Júnior, que na convivência da prática do Jongo aprende a Cupópia mesmo antes de escrever o próprio nome.

Seu Jovenil sempre falava, batucando com a gente ali, a gente falava pô Jovenil é cansativo isso dai né, e ele falava: não pode parar, vai! continua, ai ele sempre falava isso ai é o “curimadufu” e dava risada, o “curimadufu” é assim mesmo. Passou tempo, anos depois e eu falei bom, a curima é o trabalho e adufu é os tambores, é bater o tambor, o trabalho com os tambores. Mas vai muito além, muito tempo depois seu Jovenil vem contar pra gente que a curimadufu não é só você bater o tambor, é você sentar no tambor e se curvar pra quem veio antes de você e fez antes de você e deixar com que esse ancestral te ensine a como proceder ali, não você na frente do tambor. É você se curvar ali. Porque ali no Cafundó a coisa é muito a flor da pele, os ancestrais estão ali. Então você se abaixar no tambor e bater o Jongo na frente da capela, você vai entender que eles estão ali, os ancestrais estão ali. (Júnior)

3.2.4 Da existência e ressignificação do Jongo no Cafundó

Antes Láine, antes não era Jongo, essa palavra nem se falava aqui não, o que tinha antes, o que sempre teve aqui a gente chamava de batuque. (Júnior)

Essa frase que ouvi do Júnior um dia em sua casa, foi motivo de reestruturação quase que por completo da pesquisa. Ouvindo várias e várias vezes essa mesma frase me fez pensar sobre os encontros com o inesperado, com o imprevisto no processo de pesquisa. Essa afirmação veio no período pós qualificação, faltando menos de três meses para finalizar a escrita da pesquisa. Das encruzilhadas em que paramos e que como já dito, são ressignificadas e vividas como lugar de novos caminhos, novas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Foi assim que me encontrei ao deparar com a afirmação do Júnior “*Antes Láine, antes não era Jongo, essa palavra nem se falava aqui não, o que tinha antes, o que sempre teve aqui a gente chamava de batuque.*”

Levei esta nova porta que se abria na pesquisa para a orientadora e coorientador desta pesquisa que juntos analisamos e traçamos novas rotas da pesquisa.

Refiz o já feito e recomeçamos!

A roda que sempre fizemos é natural, é o momento que a gente tinha de muita alegria porque era onde a gente aprendia (Júnior)

Dai quando surgiu a exigência do INCRA pra ser reconhecido como comunidade quilombola teria que apresentar a cultura. Mostramos a Cupópia com dança e com o batuque. (Júnior)

Quando Júnior se refere a certa exigência do INCRA para ver “cultura” ele se refere ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação que aborda “informações geográficas, ecológicas, cartográficas, fundiárias, agronômicas, históricas e socioeconômicas do território e o Relatório Antropológico que é um dos eixos integrantes do RTID. Tais informações são obtidas junto com os quilombolas em campo” (SILVA, 2010, p.56) e é etapa anterior ao Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU) que foi entregue em 2015 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria

(INCRA) para o Cafundó, garantindo a posse do terreno aos moradores enquanto a decisão judicial definitiva sobre o território é aguardada.

De acordo com o relatado por Júnior, Cíntia, dona Regina e seu Marcos, no dia da visita da equipe técnica da equipe do INCRA e da Fundação Instituto de Terras de São Paulos (ITESP), a comunidade foi questionada sobre a existência de uma cultura de origem Negra. Foi quando se deram conta da potência do batuque uma prática cultural que acontecia espontaneamente, a partir desse momento passaram à organização entre os moradores para então “apresentar” sua “cultura”

“Só que ai quando vem essa coisa de resgate pela pressão do governo, que dai nessa época que a gente foi obrigado a se organizar. Formar de fato um grupo foi imposta pra gente, a gente fez e deu certo” (Junior).

Foi neste momento, por conta dessas pressões, “de fora”, institucionais, que o grupo Turi Vimba foi criado, como forma de organizar e convocar moradores do quilombo para “mostrar a cultura quilombola” e garantir o processo pela demarcação das terras.

Naquele dia, depois chamamos assembleia, eu era a representante da associação. Eu falei bem claro que se os moradores daqui não se organizassem não ia ter valido nada todo que já tinham feito pra ter as terras. Aquela hora era necessário todos os moradores juntos. (Dona Regina)

Como cheguei aqui

Nem sei

Eu cai nessa roda de Jongo

Vó Ifigênia sabia de tudo

Vó Ifigênia mandou me buscar

(Ponto de Jongo criado pelo Turi Vimba)

Então o batuque que ocorria espontaneamente gerou o grupo Turi Vimba. Com a criação do Turi Vimba começaram a se encontrar semanalmente para que todo mundo pudesse aprender o toque que foi passado pelo seu Jovenil, aprender a dançar e também

a cantar, mas, neste momento, o movimento específico do Jongo, aprenderam a cantar pontos de Jongo de outras comunidades, como o Jongo do Dito Ribeiro, Jongo de Tamandaré, Jongo de Guaratinguetá entre outros.

Nossa cultura foi colocada em questão. Que língua era essa que a gente inventou ali no meio do mato? Foi dessa maneira que surgiu pra gente. Essa língua de origem quimbundo foi vocês que inventaram. Cadê o documento que comprova que são descendentes dos escravos. Depois com a nossa dança com o nosso batuque, ah! mas vocês que inventaram isso aí. Dai recebemos uma visita, a visita ilustre do Cônsul da Angola, para nós foi um dia histórico, que veio pra reafirmar que realmente a nossa língua não era inventada e que a comunidade eles descendem de uma parte de lá de Angola. E não só a língua, mas os costumes os tipos de comunidade. A disposição das casas a maneira como a comunidade se posicionou, o posicionamento da capela de frente pra comunidade. Todas essas coisas que vieram junto do Cônsul, reconheceram. E o momento mais importante foi quando um deles conversou em quimbundo com os nossos griôs. (Cíntia)

Coçumba Jambi

A Cupópia do Vimba

Coçumba Jambi

A Cupópia do Tata

Coçumba Jambi

A Cupópia do Angutu

Coçumba Jambo

A Cupópia do Angutu

Coçumba Jambi

A Cupópia do Cutáro

(Ponto de Jongo em Cupópia criado por grupo Turi Vimba)

O relato da Cíntia rememora a visita feita em 2016 no Cafundó com a comitiva consular de Angola. Esse encontro aconteceu ainda em 2015 quando Judith Maria Cecília Luacute enfermeira Angola que mora no Brasil conheceu o Cafundó por meio de artigos descrevendo o quilombo que chamou sua atenção por pertencer a etnia Ovimbundo e o fato de que no Cafundó existia falantes da lingua Cupópia, que em Ovimbundo, sua etnia,

a palavra que é verbo e significa Falar²³. Então em 2016 o Cafundó recebeu a visita do rei tradicional do Bailundo Armindo Francisco Kalupeteca “Ekuikui V”²⁴ junto de uma comitiva do Consulado Geral de Angola que estava presente Judith Luacute.



Figura 49 Judith Luacute em encontro com Marcos no quilombo Cafundó. Foto de Aristóteles Kandimba. 2015

23 Integra da entrevista concedida por Judith
<http://consuladogeraldeangolasp.net/det.asp?cod=850&caminho=noticias> Acesso em: 13 de Fev de 2020

24 <http://inzotumbansi.org/home/a-visita-do-rei-armindo-francisco-kalupeteca-ekuikui-v-e-da-rainha-joaquina-kassueka-tauape-ao-brasil/> . Acesso em: 13 de Fev de 2020.

As meninas vêm com toda força, cada vez mais empoderadas cada vez com mais orgulho de contar as histórias que ouviam das mães e das avós.

Uma das características das comunidades quilombolas é resistência e coragem, a gente, como a dona Regina falou, a gente sempre fazia o batuque desde criança com os nossos griôs. (Lucimari)

Seu Otávio Caetano foi nosso grande mestre. Festa da Santa Cruz maio de 78 onde seu Caetano tocava a festa toda, a parte da procissão do batuque. Grande líder. Através do seu Otávio Caetano na década de 70 que entrou com o usucapião que desencadeou uma série de ações, Jornal Cruzeiro do Sul que chamou a atenção dos pesquisadores da UNICAMP. (Júnior)

Júnior se referindo ao processo de “descoberta” do quilombo pela mídia, motivo que fez os pesquisadores da UNICAMP Peter Fly e Carlos Vogot desenvolverem a pesquisa sobre a Cupópia no Cafundó.

Quando a gente fortalece e mostra que o Cupópia está vivo que as crianças tão cantando, falando da Cupópia sabendo do que é, do que significado com propriedade, que a gente aprendeu com a mãe da Fernanda com a mãe da Andreia com o nosso avô, nesse momento a gente diz é isso mesmo, agora a gente sabe o que está acontecendo o que a gente ta fazendo. Ganhamos uma batalha e agora é daqui pra frente. (Cintia)

O corpo que foi intencionalmente violentado pela lógica colonial, driblam o processo de dominação ao recriar e encontrar outros mundos possíveis nas “encruzilhadas transatlânticas” (RUFINO; SIMAS, 2018) encantando outros mundos durante séculos que prevaleceu o colonialismo. Outras formas, artimanhas possíveis, hoje nomeadas como cultura.

Artimanhas que aconteciam em tempo outrora, acontecem hoje no quilombo Cafundó, como quando órgãos governamentais chegam ao quilombo Cafundó e pedem pra “ver cultura”, os quilombolas automaticamente subvertem essa lógica de dominação e invertem a própria cultura “nativa” acostumados aos seus ritmos como forma de expressão parecida com o Jongo, denominam por Jongo que inclusive é uma manifestação cultural reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAM) como Patrimônio Cultural Imaterial.

Atento a essas artimanhas, que em grande escala, talvez retrate exatamente o que é a cultura negra, “nós” reinventamos constantemente o modo de vida e as possibilidades de resistência. Neste momento me sinto também produtora de artimanhas ao escrever.

Renomear o “batuque” expressão cultural que recorrentemente acontecia nos terreiros do quilombo Cafundó, passando a chamar de Jongô e junto desta artimanha, organizando e fortalecendo um grupo de jovens moradores do Cafundó para aprender e criar cânticos, movimentos de dança e toques dos atabaques, se mostrou ser uma maneira de produzir potência de vida, além de significar a credibilidade que a equipe técnica no processo de Identificação realizado em 2015 por equipe do INCRA/SP e da Fundação Instituto de Terras de São Paulo que elaboraram o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), etapa anterior ao Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU) emitido também pelo INCRA. Esses dois movimentos, tanto o de proporcionar a reorganização de parte dos moradores do Cafundó e a credibilidade de que existe “expressão cultural de origem afro-brasileira” ponto fundamental na análise e construção do relatório oficial já citado, faz do grupo Turi Vimba e seus participantes a artimanha em resistir e criar sabiamente potência de vida. Falar de quilombo e neste caso do quilombo Cafundó, significa falar sobre formas de resistência que foram incorporadas das experiências históricas da construção dos quilombos, e novas formas criadas para a árdua luta em garantir o direito a vida e a terra face a uma sociedade que mantém em sua estrutura as desigualdades marcadas pelo racismo.



Figura 50 "Que Deus dê a proteção pra Jongueiro novo, pro Jongo não se acabar". Acervo pessoal.

Adeus meus irmãos que eu já vou me retirar

O tambor não me aguenta vou baiar noutro lugar

Adeus meus irmãos que eu já vou me arretirar

Sete Flecha vai embora

Vai baiar no Juremá.

CONSIDERAÇÕES

É chegada a hora da despedida, e como se fecha uma roda de Jongo? Bom, cada roda tem sua particularidade, no Cafundó em todas que estive presente, o fim é parecido com o início. Agradecer o acontecido, as pessoas presentes, o encontro, o momento, a história que ali foi escrita na memória, guardada na mente e que vaza feito a maré para o corpo. Por isso então:

Eis o momento de:

Encontrar Palmares em sua ideologia e ver nascer um dia,

Corri na mata pé descalço estrela guia

Do cativo e das correntes com fé e com livros me libertei

Trabalhei, suei, Sangrei.

A força motivadora de tal pesquisa científica, acadêmica, é preencher as páginas em branco, colar na história as folhas arrancadas para assim deterem a manipulação em massa. Percorrendo o caminho da sensibilidade, do olhar, da escuta, rodando a saia no terreiro, e “reinventamos a história a cada vez que a contamos”.

Em meio ao “jogo das diferenças” (GONÇALVES & SILVA), a população violentamente excluída se organizou e construíram formas de luta. Como é o caso do Movimento Negro Unificado brasileiro (MNU), movimentos que fizeram “a roda” girar com mais consciência, levando a novos caminhos.

Salve Abdias do Nascimento!

Salve Beatriz Nascimento!

Salve “a roda” o “caminho” que assim chegamos no “quilombo”.

Ao Caminhar pela estrada de terra que dá acesso ao quilombola Cafundó, já é possível sentir ares diferente da “cidade” ainda me lembro da sensação da terra nos pés, pisando descalço e sentindo o cheiro de mato molhado.

Salve Seu Jovenil!

Salve Seu Marcos!

Salve Dona Cida, suas rezas e benzimentos!

Salve Dona Regina e toda sua força!

Salve a mocidade do Cafundó!

Compartilhando seus conhecimentos e experiências de anos na luta por conquistas de direitos diante das contradições e discriminações da sociedade capitalista, neoliberal e predominantemente racista.

Quando “a Roda” começou a girar e seguir “Caminho” não poderia imaginar conhecer de perto artimanhas que constantemente usamos para lutar contra ideologias dominadoras. Vejamos como de forma genial um ritual de batuque, que sempre ocorria próximo à casa do Sr. Otávio Caetano, momento de consagração da comunidade com muita alegria e respeito ao toque do batuque, e ainda nesse momento muitas vezes poderiam ensinar a Cupópia²⁵, para os mais novos que hoje estão à frente do grupo Turi Vimba²⁶, passou a ser marco para a conquista do reconhecimento oficial do Cafundó como terra remanescente de quilombo.

Em 2015, a visita técnica da equipe multidisciplinar do INCRA/SP e da Fundação Instituto de Terras de São Paulo elaboraram o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), etapa anterior ao Contrato de Concessão de Direito Real de Uso (CCDRU) emitido também pelo INCRA, considerada a fase mais complexa de elaboração, composta por conjunto de peças técnicas e antropológica, dentre outras necessidades, como categoria para identificar um território como sendo realmente terras remanescentes de quilombo, a existência da dimensão artística cultural afro-brasileira. É com essa visita “ilustre” da equipe de antropólogos que a comunidade, e em especial o grupo Turi Vimba e as lideranças Marcos, Juvenil e Regina, sabiamente mostraram o batuque feito desde tempos outrora no Cafundó o nomeando, desta vez, de Jongo²⁷. Tendo o conhecimento de que a manifestação cultural Jongo é reconhecida pelo IPHAN como manifestação artística cultural afro-brasileira pertencente ao Patrimônio Imaterial do País. Além da ressignificação do batuque para o Jongo, o Turi Vimba mostra movimentos da

25 Cupópia língua de origem Bantu, falada hoje fluentemente por apenas seis moradores do quilombo cafundó, no quimbundo cupópia é verbo e significa falar. Segundo estudos na área da linguística desenvolvido por Peter Fry e Carlos Vogt (UNICAMP 1997) a Cupópia é uma língua derivada do Bantu com dialeto caipira predominante no interior do estado de São Paulo.

26 Em Cupópia Turi Vimba significa Terra de Negro.

27 Jongo é uma manifestação artística cultural de origem afro-brasileira, presente no sudeste do Brasil, que integra o toque dos tambores nomeados de Tambú e Cadongueiro, com a dança em dupla no centro da roda e o cântico dos pontos que em geral ilustram a realidade da comunidade jongueira.

dança, toque e canto nos moldes como é concebido o Jongo, traz a inovação da Cupópia²⁸ sendo ensina e entoada no formato de pontos de Jongo. Da maneira como quando nos batuques Otávio Caetano, Jovenil e dona Cida ensinavam os mais novos, hoje, mestres griôs Marcos e Jovenil com a ajuda dos jovens Cíntia e Júnior ensinam e aprendem a Cupópia nas rodas de Jongo.

O batuque já não era apenas o mesmo batuque de outrora, agora batizado como Jongo, porém sempre foi, pois é seu ancestral, está no sangue cultural quilombola, apenas de uma forma subversiva e um tanto obrigatória, conseguiram se encontrar na árvore genealógica, mais uma página em branco preenchida com muito saber, nos mostra a necessidade de ganhar conforme as regras, porém nunca deixar de lutar para mudá-las!

A história já não é mais a mesma, viemos aqui para contá-la, e nesse momento já não sou mais a mesma, muito mais encantada com a capacidade que temos de nos reinventar frente a tanta opressão.

Hoje os quilombos continuam lutando pela sua cultura, ontem nos refugiávamos nas matas, nos organizávamos para lutar e proteger nossas vidas que eram mercadoria de troca, organizamos formas de existir em meio ao genocídio em massa do povo negro, hoje o troco está na academia, a troca está longe de ser justa, porém dia após dia temos muito mais a trocar.

Diante dos deslocamentos vividos e relatados na pesquisa, almejamos que estas escritas possam servir de reflexão para uma ciência que cometa menos injustiças epistemológicas, que em certa medida possa desenhar caminhos de festa, de sorrisos já que sorrir também é resistir, caminhos de criação de transgressão, assim como os quais vivenciei sendo feito por aqueles e aquelas que no território negro do Jongo no quilombo Cafundó criam novas formas de viver e existir. Viva! Viva o Jongo!

VOU CAMINHAR QUE O MUNDO GIRA!

SARAVÁ!

ASÈ O!

MACHADO!

28 O Jongo Turi Vimba é o único grupo de Jongo que entoa pontos de Jongo na língua Cupópia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDUA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo**". Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana. Brasília: Brasília: Junho, 2005

_____. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília, 2013.

BONDIA, Jorge L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

BRANDAO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. **Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 61, p. 89-106, set. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000300089&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 fev. 2020. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47204>.

CAPUTO, Stela, Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012

COSTA, Luciana Célia. **Cafundó**. Belo Horizonte: FAFICH, 2015

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008

FERREIRA, Dulcinéia de Fátima; VARGA, István van Deursen. Cultura popular e processos de subjetivação: em busca de linhas de vida. **Laplage em Revista**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. p.67-80, jan. 2018. ISSN 2446-6220. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/437>>. Acesso em: 18 fev. 2020.

GOMES, Nilma, L. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos.** Currículo sem Fronteiras, v12, n1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O jogo das diferenças - O Multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KIZERBO, J. **História Geral da África. Metodologia e pré-história.** São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1982

LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil.** Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, Programa de Estudos do Povo Africano e Afro-brasileiro, PROAFRO, UERJ, 1993.

_____. **Kitábu.** O livro do saber e do espírito negro- africano. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2005.

MBEMBE, Achille. (2011). **Necropolítica:** seguido de Sobre el gobierno privado indirecto. Tradução de Elisabeth Falomir Archambault. Madrid: Ed. Melusina.

_____. (2014). **Crítica da Razão Negra.** Tradução de Marta Lança. Lisboa: Ed. Antígona.

MONTEIRO. Rosana, B (org). **Práticas Pedagógicas para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena no Ensino Médio:** sociologia, história, filosofia, geografia. Seropédico, UFFRJ, Evangraf, 2013.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra.** Editora Brasilienses. 1981.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo.** São Paulo, Editora Ática, 1987

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do **quilombo em África.** In: **MOURA, Clóvis (Org.) Os quilombos na dinâmica social do Brasil.** Maceió: EDUFAL, 2001.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos.** São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

_____. Teorias sobre o racismo. In: **Estudos & pesquisas 4. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira.** Niterói: EDUFF, 1998. pp. 43-65.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NETO, J.A dos R. **A Pedagogia de Exu: educar e resistir e (r)existir**. Revista Calundu, Vol.3, N.2, Jul-Dez 2019.

NOGUERA, Renato. (2011). **Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas**. Griot – Revista de Filosofia. Amargosa: Brasil. V. 4, n.2, dezembro, p. 1-19.

OLIVEIRA, Lui, F. LINS. Mônica, R. F. **Pedagogia do conflito: ensinos didáticos para a educação antirracista e pluriéctica**. In MONTEIRO. Rosana, B (org). **Práticas Pedagógicas para o Ensino de História e Cuktura Afro-brasileira, Africana e Indígena no Ensino Médio: sociologia, história, filosofia, geografia**. Seropédico, UFFRJ, Evangraf, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258p

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro; JANINE RIBEIRO, Tradução: Maria Therezinha; RIBEIRO FENELÓN, Revisão Técnica: Déa. **O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 14, set. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 18 fev. 2020

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Luiz, R. **Ah, meu filho o Jongo tem suas mumunhas! Um estudo com os jongueiros e suas narrativas**. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio do Janeiro. Faculdade de Educação. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVÉRIO, V.R. **Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 219-246, nov. 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**, Rio de Janeiro: Graal,1983.

THOMPSON. Paul. **Histórias de vida como patrimônio da humanidade**. In: WORCMAN. Karen. PEREIRA. Jesus. V (Orgs). História falada: memória, rede e mudanças social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VOGT, C; FRY, P. **Cafundó a África no Brasil**. Linguagem e sociedade. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.

SIMAS. Luiz, A. RUFINO. Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

INCRA. **RELATÓRIO DE GESTÃO EXERCÍCIO 2015 INCRA – SR 08 INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA Superintendência Regional SP – São Paulo, 2015**

FILMES, MÚSICAS

Atlântico Negro: Na Rota dos Orixás. Direção: Renato Barbieri. Brasil.1998.

Orí. Documentário. Direção: Raquel Gerber. 93min. Brasil. 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aUWlgzqKD7E>

Maracatu Estrela Brilhante de Recife. Maracatu Nação Estrela Brilhante de Recife. CD Independente. 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wV6JZJBo7n0&t=86s>

Maracaru Nação Pernambuco. Nação Pernambuco. Selo Velas. 1993. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_lztpW1R6I

Jongo Dito Ribeiro. Comunidade Jongo Dito Ribeiro. Dominio Publico. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=38zXc6ybURc&list=OLAK5uy_mu76sio2Q4nTrWzCaDdD-n3-jS7ysdlfU

Jongo da Serrinha. Produção Independente. 2002. Disponível em: <http://jongodaserrinha.org/>

ANEXO I

DECRETO Nº 6.096, DE 24 DE ABRIL DE 2007.

Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso VI, alínea “a”, da Constituição, e considerando a meta de expansão da oferta de educação superior constante do item 4.3.1 do Plano Nacional de Educação, instituído pela Lei no 10.172, de 9 de janeiro de 2001,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, com o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais.

§ 1º O Programa tem como meta global a elevação gradual da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para noventa por cento e da relação de alunos de graduação em cursos presenciais por professor para dezoito, ao final de cinco anos, a contar do início de cada plano.

§ 2º O Ministério da Educação estabelecerá os parâmetros de cálculo dos indicadores que compõem a meta referida no § 1º .

Art. 2º O Programa terá as seguintes diretrizes:

I - redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso, especialmente no período noturno; 217

II - ampliação da mobilidade estudantil, com a implantação de regimes curriculares e sistemas de títulos que possibilitem a construção de itinerários formativos, mediante o aproveitamento de créditos e a circulação de estudantes entre instituições, cursos e programas de educação superior;

III - revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem, buscando a constante elevação da qualidade;

IV - diversificação das modalidades de graduação, preferencialmente não voltadas à profissionalização precoce e especializada;

V - ampliação de políticas de inclusão e assistência estudantil; e

VI - articulação da graduação com a pós-graduação e da educação superior com a educação básica.

Art. 3o O Ministério da Educação destinará ao Programa recursos financeiros, que serão reservados a cada universidade federal, na medida da elaboração e apresentação dos respectivos planos de reestruturação, a fim de suportar as despesas decorrentes das iniciativas propostas, especialmente no que respeita a:

I - construção e readequação de infra-estrutura e equipamentos necessárias à realização dos objetivos do Programa;

II - compra de bens e serviços necessários ao funcionamento dos novos regimes acadêmicos; e

III - despesas de custeio e pessoal associadas à expansão das atividades decorrentes do plano de reestruturação.

§ 1o O acréscimo de recursos referido no inciso III será limitado a vinte por cento das despesas de custeio e pessoal da universidade, no período de cinco anos de que trata o art. 1o , § 1o . 218

§ 2o O acréscimo referido no § 1o tomará por base o orçamento do ano inicial da execução do plano de cada universidade, incluindo a expansão já programada e excluindo os inativos.

§ 3o O atendimento dos planos é condicionado à capacidade orçamentária e operacional do Ministério da Educação.

Art. 4o O plano de reestruturação da universidade que postule seu ingresso no Programa, respeitados a vocação de cada instituição e o princípio da autonomia universitária, deverá indicar a estratégia e as etapas para a realização dos objetivos referidos no art. 1o . Parágrafo único. O plano de reestruturação deverá ser aprovado pelo órgão superior da instituição.

Art. 5o O ingresso no Programa poderá ser solicitado pela universidade federal, a qualquer tempo, mediante proposta instruída com:

I - o plano de reestruturação, observado o art. 4o ;

II - estimativa de recursos adicionais necessários ao cumprimento das metas fixadas pela instituição, em atendimento aos objetivos do Programa, na forma do art. 3o , vinculando o progressivo incremento orçamentário às etapas previstas no plano.

Art. 6º A proposta, se aprovada pelo Ministério da Educação, dará origem a instrumentos próprios, que fixarão os recursos financeiros adicionais destinados à universidade, vinculando os repasses ao cumprimento das etapas.

Art. 7º As despesas decorrentes deste decreto correrão à conta das dotações orçamentárias anualmente consignadas ao Ministério da Educação.

Art. 8º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2007; 186º da Independência e 119º da República .LUIZ

INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

Paulo Bernardo Silva

ANEXO II**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ
PARA FINS DE PESQUISA**

Eu, _____, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “*A Roda Girou o Tambu repicou e Candongueiro ensinou, o Jongo no território quilombola Cafundó SP tecendo linhas de vida*”, sob responsabilidade de Laíne Horta Lima vinculado(a) ao/ Programa de Pós Graduação em Educação *campus* Sorocaba Universidade Federal de São Carlos UFSCar.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade do(a) pesquisador(a) responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Salto de Pirapora ____ de _____, 2020